

Sem diálogos

- Contos

“Arco Íris”

Os vidros da janela espelhando o quarto, abertos, o vento sopra e faz com que as cortinas brancas de seda esvoacem no ar, soltando pequenos grãos de pó visíveis pelos raios de sol, que, atravessam todo o espaço brilhando e embatendo contra o chão velho de madeira. A luz cobre a face pálida de Margarida, que se encontra de pé, com os seus olhos verdes quase azuis com o reflexo da luz, observa e absorve o amanhecer. As lágrimas escorrem-lhe as bochechas até aos lábios rosados, de tanta emoção ao ver o sol nascer. Como se fios entreligassem o seu coração ao mundo exterior e este respondesse com uma inaudível esperança.

Apenas a madeira velha, borrada com marcas de tempo, é castanha escura, o resto do quarto apresenta-se em tons brancos. Lençóis amarelados, telas brancas por pintar, uma gaiola pendurada no teto, branca com uma piriquita em tons amarelos e as roupas de Margarida, brancas.

Este cenário, fazia com que houvesse uma calma no ar, porém as lágrimas de Margarida, diziam o contrário, criando

uma certa turbulência em contraste com o branco pacífico.

O olhar no horizonte guardava um mistério, de quem nunca perdeu uma batalha em campo, mas lutou derramando todo o seu sangue, até não ter sobrado nada. De quem calculou, em todos os seus músculos as jogadas do oponente e mesmo assim, fez sempre a jogada errada. Numa tentativa de deitar fora todas as cartas, para poder ver o amanhecer.

Do branco solar à matéria, sobra uma sombra marcada, difícil de esconder.

Margarida retira do bolso um prisma, que divide as cores num arco-íris, colorindo o quarto. Quem conhece a arte dos prismas, sabe balancear bem a entradas das cores, escondendo a sombra.

Margarida, vai tentando tapar os buracos sem luz, enquanto devaneia entre linhas que parecem pensamentos encantadores, quando são na realidade sufocos de quem teme pela vida. Confiar tornou-se difícil antes do amanhecer, mas a arte de desesperar por um abraço apertado, tornou-se fácil ao agarrar o primeiro estranho.

Os devaneios de Margarida começaram a crescer pela madrugada, entre o negro,

vermelho e branco. O azul do céu uma amnesia na mente.

Esta manhã, Margarida não se lembra, está no esquecimento. Esqueceu-se de como se expressar, andar, vestir.

Estamos em branco, ainda estamos em branco, a memória é ténue, flashes ocupam a cabeça, mas nada em concreto se mantém. O básico esquecido, na neblina dos pensamentos. Uma neblina que ofusca a memória e consciência.

Porém Margarida não se esqueceu de como manipular as cores a seu favor. As artes sempre disseram que era para gente sem futuro, mas, na realidade é para quem sabe andar sem tropeçar, ou melhor, para quem sabe demasiado sobre tropeçar para poder tropeçar.

Margarida foca-se no vermelho, como se este a despertasse para um estado de êxtase, que a faz mover numa sinestesia de pensamentos. Desajeitada e com o vermelho refletido no chão, tenta-se vestir, porém os sufocos negros escondidos nas sombras, fazem com que esta não tenha tempo para se fazer mulher, ela ainda é uma criança no corpo de uma mulher.

A mão de Margarida tremule, deixa cair o

prisma, este não parte, mas reflete o
nascer do sol cobrindo o quarto com um
arco-íris, o vermelho desta vez,
projectado nas suas costas.

O olhar de Margarida foca-se sobre o
horizonte na janela novamente, as
memórias do azul começam a chegar, é as
saudades do azul quando o coração está
quente de uma ferida aberta. A água que
limpa, sára.

O azul do amanhecer diz-lhe a calma que
necessita para enfrentar o dia.

- Tens que ser quentinha, mas de vagar,
se não o fogo queima-te. Ardes três dias
na tua própria fogueira, amor, devagar é
amor.

Margarida, o prisma entre o azul e o
vermelho, encurralada num plano
estático.

O calor do nascer do sol, queima-lhe o
peito. Vira-se de costas para a janela e
é quando o vermelho lhe cobre a face,
enchendo a sua mente de memórias
vermelhas. A sombra a sua silhueta.

Momentos de respiração ofegante, em o
que fora um estado êxtase passara a um
estado de aflição, como se a sua sombra
fosse maior do que si própria e a
atormentasse em devaneios. A faca está

perto, mas longe, como numa dança entre vermelho, negro e branco.

Margarida pega rapidamente no prisma e guarda no bolso. Sabe que está viva.

Agora com o quarto todo branco não sente nada sem ser uma estranha apatia, como estivesse hospitalizada no seu próprio internamento na sociedade do céu. As cores são camadas de uma hierarquia inconsciente e própria, de como navegar à superfície da terra.

O amanhecer é isso, para Margarida, é saber, após a batalha, que tem que se preparar para outra batalha.

O sol a nascer, ilumina-lhe o peito, que a mantém de pé, viva, desperta.

No branco, Margarida poderia acelerar, mas mantém o passo, o passo que acha correto. Levanta a mão, baixa mão, tudo suavemente, sentindo o calor dos raios solares.

Não quer sair do lugar onde está, aqui está mais confortável, a paz embala-a no transe profundo.

O olhar desfoca do horizonte, ouve uma voz aguda, a chamá-la.

Sem ainda ter trocado de roupa, Margarida, desce as escadas em espiral ainda com todos os sonhos e pesadelos,

entrelaçados no cabelo.

A voz veio da cozinha, Maragarida, tem que passar por um corredor coberto de janelas, onde o branco solar atravessas e percorre a sua cabeça.

O reflexo uma artimanha. A pureza do branco, vai manter a Margarida intacta, prolongada, num plano estático. A humildade cobre o seu olhar, não existe tempo para lutas, quando saís de uma luta perdida.

Ao entrar na cozinha, percebemos logo que é um lugar de convívio, quando vemos uma mesa comprida no seu centro, cheia de pessoas. Podemos observar que aqui, as paredes são amarelas e que papagaios, jacarés e muitos outros animais exóticos habitam-na. Nenhum dos animais parece incomodado com a presença das pessoas, assim como, as pessoas não se deixam distrair por estes, vivendo todos em paz e harmonia. A hierarquia animal neste espaço é anulada.

Existe uma regra nas paredes amarelas, a azulejo azul que fala sobre o acto de comunicar. Pode-se berrar para sempre e pode-se não berrar nunca. A cozinha um espaço livre de julgamento, mas cheio de diferenças entre todos os seus

habitantes. A frase do azulejo diz o seguinte:

Na quietude da tua mente, exalta-te se apenas esta tiver exaltada.

Margarida, porém, escolhe esconder-se em pureza, também traçado com um vazio fundo, o som é um gesto gesticulado pelas mãos.

Os habitantes do resto da casa eram mulheres bonitas, Deusas, que entendendo cada gesto de Margarida, serviam-na como numa dança e projetavam os seus sonhos, apenas com pequenos gestos.

Não falar tornou-se uma arte para Margarida e mesmo assim conseguir comunicar. Não se trata de telepatia, mas sim de micro expressões que só as Deusas entendiam.

Existem plantas espalhadas por toda a parte, sobre as paredes amarelas um foco de luz branco projetado pelo sol num feixe por entre a janela.

A comida é requintada, como a comida da casa de uma avó. O requintado que te preenche o coração de cor de rosa, porém, o sabor que inicialmente afugentava Margarida, tornara-se uma forma de tornar a sua palidez num arco-íris, de delinear as cores que existem

no foco branco, como um diamante.
Desajeitada numa forma obsessiva
compulsiva, ordena as cores e come as na
ordem da matriz do arco-iris, numa
tentativa desesperada de ver cor no seu
vazio.

Margarida, não ajuda a sobreviver,
enquanto todos os outros ajudam e
contribuem, Margarida tenta ela
sobreviver.

Não é a ingratidão disfarçada de pureza,
o coração dela, leva no peito o mundo.
Põe a vida em cima do prato como oferta,
para não ser um o fardo.

Um medo crescia ao longo do dia para
Margarida. Tinha medo de perder as
deusas, por tanto tinha tanta estima.
O sorriso uma fachada, nunca dizia o que
realmente sentia, mas ela estava sempre
a contar os números para o pôr-do-sol
quando mal tinha acabado de amanhecer.
Porém o amanhecer não iria durar para
sempre e isso notava-se no seu olhar. O
espaço de um dia. O espaço de três anos.
Uma roda sem núcleo, o seu olhar vazio.
Tudo tem um prazo de validade, uma
etiqueta, nada dura para sempre.
Um dos maiores problemas que atormentava
Margarida era saber que podia estar sem

supervisão de alguém, ela sabia que não sabia tomar conta de si, algo tinha falhado ao crescer. Existia uma vontade crescente de começar a correr e nunca parar, porém é como se houvesse sinais de paragem a cada passo que tomava. Margarida quer correr, mas tem as pernas enferrujadas.

A companhia estava sempre presente, no branco, nunca se está sozinho, o medo era do escuro, do frio que fazia na noite e no fim de cada guerra.

Nesse frio existe um certo tom de azul que arrepia a espinha de Margarida. Não quer mais ver o azul. Enquanto, o azul é tristeza, o amarelo é ouro puro.

O relvado do jardim estava iluminado pelo sol do meio dia e esse espaço tinha se tornado o seu melhor amigo. Era nele que todos os dias dizia um adeus ao passado.

Margarida, está no extremo de perder o que resta de si. Um passo mais longe em direção a um novo eu.

O processo passa por agarrar o momento, é como nos prendêssemos nele e fossemos transformados pelo mesmo. Lição difícil de aprender para Margarida, que intensamente quer que o tempo pare e as

gotas dos segundos se espalhem pela eternidade. Estagnar num plano estático. Porém, nunca ninguém foi feliz como apenas uma estátua no jardim, o movimento surge a partir da estagnação completa.

Neste pequeno céu, que Margarida criara, essa estagnação está prestes a interromper-se. Da petrificação, para, uma ânsia que começa a crescer dentro do peito. Tudo está demasiado calmo, a experiência diz-lhe que algo está perto de a modificar.

A calma, o vazio, começam-se a tornar cinzento. Aqui acresce a ansia de poder viver, correr, sem nunca parar.

Mergulhar no fundo dos oceanos, saber que quase se pode afogar, mas no fundo era tudo uma brincadeira de paixão leviana. Um acaso.

O momento de pausa em que tudo acontece e nada se move.

Margarida, precisa de tudo, ela não sabe por onde começar, existe algo maior dentro a pulsar, uma vida que pulsa cheia de sombras. O branco está a precisar de prisma. O branco não se pode limitar a uma cor. O branco precisa de se libertar, de ver na escuridão, de

saber que a dor não foi em vão.

Fez noite, o valor de cada momento,
preso num quarto branco, mas para
Margarida é apenas o fim do dia.

Onde o filme se pode revelar sem
queimar.

Uma a uma, as deusas, vão saindo ao
longo do dia do céu místico, que envolve
a casa. Margarida fica sozinha com o
amarelo de fim de tarde.

O olhos de amarelo, estão cobertos de
pálpebras roxas de cansaço. Margarida já
só vê o vermelho, como se os vasos
sanguíneos estivessem mais fortes que o
resto da visão. Emergência, do outro
lado do telefone, Margarida não dorme.
É transportada durante a noite para
outra cidade.

Agora, a vida já não era luminosa, mesmo
com os candeeiros de rua a iluminar a
estrada.

A ânsia de viver, mantém-se no seu
peito, como se transbordasse para fora.
Margarida, está na emergência.

Margarida, não quer cair no sono
profundo. Se cair no negro, a sua
existência seria modificada, alterada,
para sempre, tudo o que viveu uma
simples memória.

O ato de dormir é como uma transfusão de perspectivas, o dia a seguir, o novo, não sabe a mistério, mas a incompetência do subconsciente perante a consciência.

Doem-lhe os olhos de cansaço.

Questiona-se se é sobrevivente ou cobarde, por não querer seguir em frente.

O cabelo de Margarida ainda reflete o vermelho do pôr-do-sol, como se o dia tivesse parado nesse momento, apenas e apenas pelo o olhar de Margarida, o vermelho de um final de dia.

A cara de Margarida queimada pela exposição aos raios solares, parece como uma estrela prestes a explodir.

Margarida quer aguentar os últimos momentos estagnada.

O último pedaço de rolo do filme, seria um adeus. Mas esse não existiu. A memória de saber que é tomada conta outra vez, como um pequeno bebé. A infância da idade adulta. Mesmo jovem essa idade adulta, estava cada vez mais espelhada pelo corpo de Margarida, a velhice da juventude marcava-a mais do que a uma pessoa normal, especialmente quando ela saía do céu e se deixava levar pelo sangue que lhe ferverhava

pelas veias.

Do plano estático do jardim ao sol ao meio dia, para a estátua que se autodestrói.

Amplificadora de realidades, era a Margarida. Todas as cores vibrantes, como na noite de Van Gogh.

As memórias rompiam Margarida, de tanto observar como estátua, teoria de se ser era fácil. O acto de não falar, não comer, não viver era toda a sua experiência. Porém, nessa estagnação também se tinha encontrado com o extremo do espectro como um efeito borboleta do próprio caos. Desmedida, balanceava de um extremo ao outro dando um nó nos pés. Era pequena e grande ao mesmo tempo. Na noite azul estrelada, o negro começa-se a aproximar. Todas as cores que refletia como estátua, iriam se apagar como uma estrela após a explosão, dando assim origem a um buraco negro, que absorvia tudo ao seu redor, apagando a luz dos candeeiros noturnos.

A morte de uma estrela, não significava, a morte de Margarida, mas sim, Margarida como estátua deixara de existir. Um buraco negro em movimento. As leis da física contra si própria.

O que resta de um buraco negro, é um mistério de anos luz.

Porém, Margarida não era estátua e por muito que se assemelhasse a um buraco negro que sugava tudo à sua volta, como se nada chegasse para preencher o vazio que sentia.

Margarida fiel a si própria, morrera. Percebeu que o fiel a si própria era muito relativo, era fiel ao momento, ao espaço, ao tempo.

A metamorfose de uma estrela velha que entra em colapso consigo mesma.

Foi aí, que o azul manso, devagarinho começou a entrar. A noite era escura, tanto como o seu íntimo. Tudo eram tiros, e tudo doía. A sensibilidade era profunda.

O passado e o presente cruzam-se num momento, a máscara de volta a ser costurada, como num buraco de minhoca, Margarida entra em si própria, perde o foco de si mesma, são muitos e poucos dentro de Margarida, a história repete-se.

Amnésia chega à mente, dentro do buraco de minhoca, aqui as horas, são mágicas, à procura de um coelho branco que não existe. Tanto o tempo como o espaço

vão se afunilando, de forma a criar coesão entre os dois.

Por trás, de uma imagem estática, ao vento, com o som dos carros de fundo, Margarida de novo sobre a janela num quarto branco. A ver o horizonte ao longe.

“Passarógato”

Antônio era esperto, decidido, sabia exatamente o que queria, quando queria. A rigidez da certeza, cobria-lhe o rosto, não seguia a multidão, porque esta não lhe trazia o que ele queria, mas esse não era um problema, o problema era decidir o que queria, no meio do caos do seu próprio ser. Não era uma questão de indecisão, mas sim de seletividade perante as escolhas e experiências que queria retirar da sua própria vida.

No fim, a sua existência de exigência mesquinha ficava limitada.

Era como se estivesse coberto por um manto de invisibilidade perante a grandeza do todo, que o deixava cego perante a visão do destino.

Um dia sentado num banco de jardim a dar milhos aos pombos, apareceu um pássaro muito diferente de todos os outros, parecia que a sua forma de andar e até de comunicar era como a de um gato.

As pupilas do animal eram como losangos alongados, a penugem preta com manchas brancas, assim como patas de galinha manchadas. Era relativamente maior do

que as pombas, mas não, não era uma gaivota coberta de petróleo.

Era o que António chamava de Passarógato, quando via a sua enorme cauda a abanar, e este a brincar com ela. Um grunhido arrepiante, como de um gato com cio ou como uma gaia a tentar comunicar.

António ficou fascinado com as orelhas pontiagudas, as suas penas alongadas e suaves, assim como a sua forma misteriosa de gato entrelaçado com pássaro.

A fascinação rapidamente tornou-se em angústia, a seriedade da cara de António desfazia-se porque a certeza escapava-lhe pelos dedos, não sabia que espécie de gato, ou de pássaro era aquele e perto do realismo não estava.

Seria uma alucinação ou uma perspectiva diferente do ser? A questão embrenhava-se nos caracóis grisalhos de António.

Porém, extremamente encantado com a criatura que encontrara, frustrado tentava o agarrar, porém, o passarógato, era matreiro como um gato e esquivo como um pássaro.

O acto deste lhe escapar entre os dedos suavemente e delicadamente aumentava o

mistério fascinante da curiosidade de António.

O "passarógato" tinha elegância ao fugir, não era espalhafatoso, mas sim escorregadio, ao movimentar-se para fora das mãos ásperas de António.

Enquanto este ficava carrancudo, com não poder agarrar o animal, o passarógato parecia que se ria dele, numa paranóia entranhada nas entranhas de António.

Porém, o passarógato tinha apenas um espírito muito brincalhão, que por agora António ainda não conseguia compreender. Havia uma necessidade em ambos de serem cortejados, o animal pela comida, o António pelo desespero de conexão de algo profundo que lhe crescia na alma, o desespero de voltar a ser criança.

Da incerteza à insegurança, afeiçoou-se a este pequeno animal misterioso.

Os dois juntos, António e o "passarógato", viviam correndo, voando e dançando ao luar. As noites e as estrelas, eram os cânticos deles. A conexão e dualidade entre os dois formou-se rápido em um.

O espaço que separava os dois, era a luz do dia, pois, cada um fazia o que tinha a fazer durante o dia, separados um do

outro.

António durante o dia, essencialmente dormia sonhando como deveria ser bom ser um pássaro e poder voar e como poderia ser bom ser um gato e seduzir. Porém, o “passarógato”, continuava a escapar misteriosamente a António, que se fazia de burro, sabia que o pão já não lhe chegava para o atrair, atum funcionara pouco uma semana, agora o passarágato apresicionou-se a uma pedra azul que o António trazia no bolso.

Para quem nada nunca quer, ter o prazer de prolongar o sofrimento de usufruir de algo tão doentio como uma amizade sufocante de mistérios, é unir linhas distantes e opostas, em direções iguais. António nunca cedia a pedra azul, as memórias do mar, vinham-lhe à mente sempre que tocava na pedra e não a queria ceder.

Aos poucos, os mistérios iam-se desvendando, o “passarógato” tinha muito para ensinar a António, mas, António também tinha muito que ensinar ao passarógato, que, através de gestos de mimica copiava a forma e jeito de ser de António, numa tentativa de se moldar à sua forma.

A arte de ser um homem altivo como António, era uma arte complexa, mas começava com sapato, e queixo elevado. Olhar profundo, saber que tanto quanto ao "passarógato" e ao António, o ser sério, é ser sério, olhar bem penetrado no fundo da alma do ser.

O pé dentro do sapato bem pesado, sobre o alcatrão, é preciso erguer o queixo, quando não se quer cair no chão.

Mas, o chão não é superficial, é puro negro alcatrão, que agarra e entroepece a alma. Se António não pousar o pé certo, no momento certo e sobretudo com o peso certo, é certo que caia e seja engolido pelo alcatrão.

Durante a noite as estrelas que cobrem o passarógato são puras, mas os nós na garganta são grandes, por não poder comunicar de outro jeito sem ser por expressões, ao que o seu corpo permite.

Um amor cresce e ata António ao "passarógato", a melancolia das noites e já também durante os dias preenche o coração de ambos.

Uma loucura e vontade de festejar a morte se cruza no olhar de ambos, mas uma morte suave os espera, na queda do tejadilho de um telhado alaranjado, num

dia chuvoso. Uma nódoa no queixo de António, nada mais. Esperamos por dias melhores, fechados num quarto escuro, sem poder ver. Uma venda nos olhos, quando existe muito mistério no ar, fechamo-nos, para ferir só mais um pouco.

No fim, ao saírem de novo desse sítio obscuro o passarógato ria, ria, ria, da seriedade em que se estava a meter no cérebro ainda em desenvolvimento de António.

Uma coisa havia em comum, ambos não faziam sentido comum e o António, ficou sem perceber a mensagem.

A solidão era o que lhes apertava a mão, numa ternura de quem percebe que mais ninguém preenche o sufoco existencial, para lá da própria ligação de António e "passarógato".

António sentia-se sempre isolado e fora de tom à beira de todos menos, perto do seu amigo "passarógato".

Os pêlos e as penas, entrelaçavam-se pelos cabelos grisalhos de António, criando assim, maior nós.

Juntos contam cigarros e matam tempo dentro de vinho. Infelizmente, António tem que correr pelos momentos com o

"passarógato", este quer escapar, escapar, da loucura de se ser miseravelmente feliz.

António é capaz de ficar desde o meio dia até ao fim da tarde à espera do "passarógato". Este pode demorar, mas vem. António, só baixa o queixo, para poder dançar mais um bocadinho.

Mostrando o poder da pedra de António mergulham os pés bem fundo no mar, mas deixam a cabeça de fora para poderem respirar.

A relação deles evolui com o tempo, começa-se a tornar uma espécie de romance obsessivo, em que em poucas palavras se entende toda uma metamorfose e simbiose que acontece entre ambos.

A demora pelo "passarógato" parece infinita, tudo evolui numa constante ansiedade pelo para sempre, para quem tem olhos inocentes de António, o para sempre, ainda existe.

Crescem, evoluem juntos, um dá um passo em falso e o outro acompanha, quem corrigisse primeiro, perdia. Uma autossabotagem tamanha.

Escondidos numa pequena inveja, de quem tem passos mais demorados, passos mais longos. Uma inveja de quem tem o

alcatrão mais fundo, o desespero mais apertado.

A solidão corroía António, por isso, o desespero para ele era maior, acreditava. Pois, o "passarógato" podia-se dar ao luxo de dormir e sonhar, de demorar. Enquanto, que, António esperava com a faca na mão.

A faca era um instrumento, com que ele brincava enquanto esperava, sempre apontada ao seu próprio peito, na realidade, numa tentativa de pedir socorro. António, queria brincar a toda a hora, tinha um pouco de cão rafeiro em si, que mordida na altura errada.

Difícilmente, António sabia se amar, como amava os outros, era extremamente fiel, ao que queria, devido ao facto de nunca ter querido grande coisa na vida. António entroepece-se em lágrimas, por estar sempre na esperança, que o "passarógato" acorde dos seus afazeres, se sente e fale um pouco. Das estrelas, aos mares e aos olhos escuros profundos. Os encontros tornam-se escassos, e quando realmente acontecem, as palavras parecem não sair, como um morder de língua, até sangrar. Segredos, já não se dizem. Evitam-se, a intimidade é grande.

A flor começa a crescer entre António e o "Passarógato", mas para quem nunca viu o desabrochar da flor depois de tantos espinhos, não acredita que é real, a magia de se estar vivo, após de brincarem com o que era suposto ser sério. Que do inverno, só nos resta a primavera.

O constrangimento começa a embarcar na relação, os olhares descruzam-se, um nó na garganta, outro no estomago.

A vergonha de esperar, invade António. Lutar, tornou-se um fardo e não existe vergonha nisso, em querer ser livre da vontade dos outros.

Para que quer o "Passarógato" os segredos de António (e vice-versa), no fundo morremos e vivemos sozinhos. Sem desgosto, apenas sem apertos, sem amarras.

As vozes dos outros são piores, pois, o caso de amizade entre António e o "passarógato", causava ainda mais inveja à volta deles, o que causava uma má fama generalizada. Ambos fracos, de batalharem consigo mesmos, desenham em cadernos, António com a mão e o passarógato com o bico. Bebem vinho ao fim da tarde para saberem que não estão

sós, somente, só.

Sempre juntos, sempre numa bolha de nevoeiro, derramando líquidos dos pulmões para as artérias.

Pedras duras de roer, sem falar, sem ver, sem tocar. Quando a morte já está à espreita e ninguém tem coragem de se renovar. Nem o "passarógato", nem António. Pedras duras de roer, a velhice, a dor da hereditariedade em ambos, tristeza a baloiçar entre um e o outro.

António encontra-se consigo próprio, abraça-se, respeita que precisa do seu tempo e espaço. Põe um casaco sobre os ombros, deixa o peito arder, queimar, não pronuncia uma palavra. Salava-se a si mesmo, porque é homem e é forte.

A última coisa que deixa ao Passárógato é a pedra azul. No fundo da questão, era a única coisa que prendia o estúpido animal, que não tinha limites na brincadeira.

António, iluminado pela experiência percebeu nesse momento, após a partida de cada um para seu lado, que tudo o que precisavam era de espaço.

Além disso tornou-se fácil aprender a gatinhar novamente, para quem rastejava,

levantar começa a ser menos atabalhado,
quando tudo é brincar.

António, por si só, um "passarógato".
Os limites caíram-lhe do bolso quando
deu a pedra azul ao passarágato. Este
agora era António, e amaldiçoado, pelo o
que nunca quis ser mas sempre cobiçou. O
passarógato coberto pela seriedade. De
brincar, de ser animal, a ser humano, em
que a seriedade lhe cobre o rosto.

"Peso nas Costas"

As costas foram-se, enquanto se encostavam umas nas outras, enquanto equilibrávamos as costas com ancas que se ancoravam em si mesmas. Sobre o peso que se acumulava às costas, comigo às costas, contigo sobre as costas. As costas dela entre as nossas.

O teu egoísmo contrabalançava bem com o meu. Eu não tinha liberdade para respirar, tu não tinhas tempo para te olhar ao espelho. Eu porém, olhei-me no espelho por um segundo. Vi que existia, não só no corpo e assim, como na mente. As costas uma silhueta aberta de memórias, que choravam com manchas de cargas de peso, como pequenas sardas marcadas com o tempo.

A espiritualidade, o sonho e realidade existiam em contacto mútuo, que poucos humanos conseguiram explicar concretamente, ao longo da história através da comunicação ou arte, nada tinha a haver com sacrifício, mas sim com individualidade, o momento em que o teu peso decaía sobre mim e ao fechar de olhos, sentia uma nuvem azul carregada de água e trovões sobre mim num espectro

solitário.

Os três, uma pirâmide, um trio na locomoção de individualidade sobre a junção de nós.

No trovão, a luz, as vértebras que estalão como um esticão de eletricidade carregado sobre mim, separada de ti, de nós.

Os cientistas, cobrem-se de vergonha perante a ignorância da ciência, mas juntam-se em comunhão com a fé, assim como os políticos, em dias cinzentos.

No paradoxo do longínquo e mútuo. Como um tempo decrescente para um final decente. O peso da existência e a cobardia de quem espia.

Por vezes, uma ponte de conhecimento se unia com o meu peso e com o teu, as costas entrelaçavam-se como um abraço de quem não se olha em frente.

O que era de mau para ti era bom para mim, controlava os meus impulsos de sujidade e vaidade, para ti era como tomar conta de uma criança que se assemelhava a uma velha cheia de dores.

Crescendo juntos, criávamos uma torre espinhal, que durava para todo o sempre, na história das nossas vidas, era temporal, estática, moderna e futurista

tudo num plano continuo e que queríamos que continuasse a coexistir.

Havia uma simetria nos nossos gestos, ignorantes diriam rituais, até mesmo delírios, mas, eramos espelhos que ficavam cada vez mais simétricos à medida que se conectavam.

Um tremor de terra no momento em que a inteligência artificial dominava a tua mente. As tuas costas humanas, de ossos, transformavam-se em interligações frenéticas azuis. Os algoritmos caíam para ti como cartas de poker azaradas. Nesses momentos, a desconexão entre ti e mim era maior, o mesmo peso que outrora nos unia, rescrevia-se em todo o momento de forma diferente para cada um.

O teu peso como uma mão em cima de um rato de computador, o meu peso como um refúgio do consciente. Ela apenas uma memória visual, através da parede que distancia o quarto da sala.

O olhar dele sobre o ecrã, o entusiasmo dela sobre a vida e o meu aperto, por não ser, não sermos nós. A vida mesquinha começava a se entrelaçar nos nossos verões, como o ciclo do telejornal das oito.

Após uma praga, vem guerra e após disso

espero revolução, mesmo que ambas venham de mãos dadas, revolução da guerra com harmonia e paz.

O telejornal, a guerra, a revolução, a paz novamente como um espelho na minha relação com o ser humano, espionado pelo reflexo da atual sociedade.

Os três, erguermos-mos todos os dias com novos valores de paz, costas contras costas, braços eretos uns contra outros, sincronizados, entendemos que não somos estatísticas mas sim valiosos seres, que não podemos deixar as mãos num governo doentio, mesmo, que, o telejornal das oito diga o contrário.

A torre desfazia-se à medida, que o noticiário lentamente mudava e a guerra que se desfazia na televisão, começara a domar a nossa casa.

Abandonei o jogo a meio da partida, enquanto tu jogavas xadrez com o computador, enquanto ela só tinha olhos pregados em ti. Enquanto o trovão não dava cabe eletricidade do apartamento. Vi o telejornal sozinha, sonhei com o fim das guerras sozinha, nas marcas de amor negro que se apoderou de mim como uma doença, cuspi veneno perante as paredes que se afundavam em mim.

Não era Alice, mas tinha medo do coelho, como se o conhecesse.

Por fim, sozinha com os deuses, deixo o reflexo das costas para as paredes, para a sombra no chão, carrego os meus seios nos meus braços, num abraço a mim mesma. Olho-me de frente no espelho.

Os dias de Outono entram, com cálculos existenciais por todo o lado, no ato de sobrevivência da decadência lunar das estações.

A insanidade do peso, que acumula conhecimento sem medidas decai sobre mim, na minha canela sinto arrepios sem som, nos meus ouvidos quimeras. No meu coração amor profundo pela cidadania. Em que coexistio com a solidão, com carga a mais para um só bezerro.

Mesmo não sendo Alice, decaia cada vez mais fundo, no pesar dos dias, os olhos colados no relógio.

Quanto mais observava o relógio, mais absorvia o tempo. Neste existiam intervalos em entreva-los de tempo, era o momento em que todos caíam num esquecimento e em que a minha memória acendia.

Relembrava-me de novo dos teus olhos negros profundos, pele pálida coberta de

sardas e na maneira como
sozinha encontrava-me com a multidão,
nos intervalos do tempo, naqueles que
ninguém vê, ainda com as dedadas nas
coxas das marcas das costas dela.
Observar tornou-se um dom, palavras
tornaram-se desnecessárias, tinha o
tempo do meu lado. Não o queria
desperdiçar como também não o cria
abafar. Respeitei as regras, os jogos,
as artimanhas, tudo sobre a visão
longínqua, de preencher o tempo que
ninguém preenche.

O sol nunca será uma arma, mas sim um
radiante tempo de frequências, árvores
genológicas imparáveis, que evoluem com
a sanidade na mente.

A sanidade sem árvore, começava a
rastejar-me pelo corpo até só ser erva
daninha. Aprender tudo de novo, sozinha,
num só passo, não chegava, sentia-me
inquieta por não poder acumular mais
conhecimento sozinha, sem uma estante
onde colocar os livros.

No intervalo do tempo, onde a sanidade
decaía, uma metamorfose de espécies, de
coelho, a iguana, de lebre, a caçador.
Duas corujas, uma em cada ombro,
enquanto divago pelo jardim. Sem vocês,

esta torre muda de humano para metade animal.

Vimos o Outono passar, com o Inverno gelado a matar-se, o sorriso da Primavera a abraçar-se e o calor do Verão a secar-se. A torre animal sabia de cor as cores das lágrimas, os feitiços, os sabores, as texturas, as formas, os disfarces, as mentiras, as verdades, as leis da relatividade, a dor humana, a dor humana... A solidão. A falta de calor humano.

O inimigo não está em apontar a arma a ele ou a ela, por fim, nem a mim mesma. Dispo-mo de acusações, porém os que não voltam a quem lhes pertence nunca voltam a subir pela torre de forma a renascermos na árvore genológica, de forma a sanidade voltar a caber, com estantes de livros para todos.

Todos aqueles dias a renascer com amor e saúde. Comigo a cambalear às tuas costas... Às costas dela. Assim como renascer nos intervalos do tempo, que sozinha todos os tempos acabam por se tornar intervalos de tempo.

Nesse renascimento, o peso dos intervalos de tempo sobre as costas, onde cabia a sanidade.

“Revelação”

Vicente, espera sentado, quase a adormecer sob o braço na mesa. O mundo gira, a natureza renova-se e ele no mesmo sítio. Com o mesmo sentimento de ontem, o olhar sempre fixo no copo vazio à sua frente, as roupas sujas dos dias anteriores inundavam um fedor lastimável à sua volta, porém erguiam a constante sensação de se ser integro consigo mesmo.

Existe um enorme medo em mover-se, uma condenação no ato de existir, de partir o dedo, de ferir o joelho. Da lágrima vir ao olho, de revirar o olho. De o olho sequer reabrir-se para novos mundos, se não, a sala onde habita.

As paredes da sala, ele pinta-as, numa forma de catatonia de proteção. Nem uma nódoa negra contra a parede, fica a desbrochar na sua pele. Porém, a pele que é dele, é a tinta a secar na parede. Uma armadura para si mesmo.

Os olhos fecham-se, enquanto o sangue vermelho escorre-lhe por dentro. Os olhos abrem-se de novo, a catatonia da parede em harmonia com os seus gestos condenados, os dentes amarrados à

almofada. Nem um som ecoa dentro da sala.

A memória é um aperto no peito, dança como uma sombra num quarto escuro. O ar que respira é tóxico, a pulsação fraca. O corpo vomita-se e entroepece-se em si mesmo. Um ténue tom de preto e branco cobre Vicente.

Dolores, amiga, companheira e sempre curiosa visitava-o e temia por ele.

Queria-lhe ensinar o processo da revelação. Não sabia por onde começar, pois Vicente era casmurro e Dolores sabia que este tinha que aprender sozinho o ato de se expor.

Ele reaprendia a existir, estados do espírito de forma sóbria, todos eles, a preto e branco. Como as pedras da calçada faziam tropeçar os viajantes, a relação deles tropeçava em momentos de reencontro e inundava-se a si mesma.

A mágoa marcava sempre o reencontro.

Será que haverá outro reencontro? A mágoa que já existia, mesmo sem reencontro.

A ansiedade que outrora fervilhara à flor da pele, engrenhara-lhe, agora, por baixo da pele. Não se sabe ao certo se a vida de Vicente a preto e branco

continuará exposta, desta maneira,
decalcada na perfeição, em tons
cinzentos, de fumo de cigarros expostos
ainda acesos no cinzeiro.

A dúvida de cair na revelação. A
revelação do que um dia fora, do que um
poderia um dia ser, do que já não é.
Enquanto isso, Dolores, precisa de fazer
uma autópsia a coração aberto. Saber, o
quanto profundo é o sangue, o quanto as
lágrimas são importantes, nesta
revelação. Sóbrios, completamente
sóbrios, com uma palidez perante a vida.
Vicente, paralisado. A palpitação no seu
peito, que bombardeia a um ritmo
inconstante. Um continuo três ponto
catorze. Com alterações em números
primos. Dolores fotografa cada momento
de paciência, cada momento de mão
agarrada à cabeça de loucura.

A primavera começa a espreitar, pela
janela embaçada da respiração ofegante
de Vicente. Está cansado, ele quer
cantar e quer chorar, mas está cansado,
quer viver mais um dia embrulhado em
lençóis, lembranças que nunca se apagam.
A revelação começa a progredir. O
escondido, quer lutar, quer ficar
perdido e ser rude. Não quer demonstrar

que tem um amor grande perdido, algures
no olhar, pela vida que o espera lá
fora.

A lentidão dos dias invade o espaço,
nesse mesmo ritmo lento, Dolores entra
novamente e ficam os dois, no espaço de
Vicente. Memórias estão espalhadas por
todos os cantos, como um acumulador de
momentos. Que nunca o vão deixar
revelar, revelar-se.

Dolores ergue-se e pega-lhe na mão,
fala-lhe do seu próprio medo e de como
as coisas eram escassas antes da sua
própria revelação. Vicente é crédulo aos
apelos de Dolores. Não acredita que se
pode viver no limite, quando tem se uma
bagagem tão grande. Ele foge, acima de
tudo, de si próprio, afundam-se num
passado presente.

Dolores, urgentemente apressa-se, ficam
no escuro juntos. O processo tem pouco
de química, pouco de nós, mas mais de...
pensa Dolores acerca de Vicente, mas
nada diz, o silêncio acompanha-os.

A pele áspera de Vicente era intocável,
o coração dele era impenetrável, mas
suave. Este fazia sempre que Dolores
corre-se para Vicente, sempre que as
coisas balbuciavam no seu mundo, como,

se o mundo caótico de Vicente trouxesse alguma paz paradisíaca à falsidade do dia a dia.

Amarrada pela ânsia de não poder perder Vicente naquele caos, Dolores e Vicente, os dois que caem no chão. Sem filtros a taparem as bocas.

A revelação pode ser fatal, Dolores assustada, com a própria revelação dela sob o mundo de Vicente, cala-se.

Os dias, os ponteiros do relógio, a fissura aberta no telhado que pinga água a um ritmo incerto... Tinha de ser tapado, para revelar o rolo.

O que era incerto, acabaria por o deixar de ser. Porém, a tirania de Vicente aumentava, como uma paranoia constante apontada a cada um, mesmo apenas só serem dois.

O peito falava-lhe pela boca, de forma grotesca. No silêncio, Dolores ficava pelos pensamentos.

Vicente procurava em Dolores a certeza do olhar amigo, a certeza da palavra certa. Dolores focava-se na revelação das fotografias que ia tirando, Vicente não aceitaria nada menos do que tons a preto e branco.

O lugar mais escondido no coração de

Vicente, não era a preto e branco, mas sim, em tons de vermelho. Como um coração deve ser, cheio de paixão.

Dolores, quer deitar tudo fora da sala de Vicente. Rasgar as paredes de memórias, sacudir-lhe as manchas da cama, lavar-lhe a roupa.

Mas o que seria da revelação, se não marcada, por este trajeto imundo.

A câmara, o rolo, a sala escura. Com uma tesoura Dolores rasga a parte queimada do rolo, como se rasgasse as nódoas da camisa de Vicente.

Dolores assume, que terá de fazer a química sozinha, desde muito nova sabia conduzir automóveis em chamas. As paredes, agora, cobertas de luz vermelha, o medo entre ambos cresce. A memória de paraíso, que não Dolores não quer que arda no químico errado.

Dolores enquanto manuseava os recipientes, sentia-se transparente perante Vicente, o que, fazia com que as suas mãos estremecessem na junção dos químicos.

O escondido, a fotógrafa, a reveladora, o protagonista. Ambos, revelados, em cima de uma banca cheia de químicos à espera que comece a aparecer os horrores

de Vicente, expostos em papel
fotográfico. Um preparado de nostalgia.
A ânsia de Dolores pelo encontro com
Vicente retratado, era diferente do
temor que Vicente guardava à espera de
si mesmo, revelado. Dolores, queria se
calar, mas, agora não conseguia... Queria
voltar a enfiar-se no quarto das
memórias, fotografar de novo, o que
viria a ser Vicente. Por fim, Dolores
temia o fim, como Vicente temia também.
Uma a uma as fotografias ficavam
reveladas, expostas, prendidas num fio
que interligava toda a sala vermelha.
Dolores agora via Vicente tão
transparente como ela se sentia ao lado
dele enquanto revelava as fotografias,
enquanto punha a sua ajuda em prática.
Vicente não se encontra na sala
vermelha, Vicente não olhou sequer as
fotografias, Vicente abandonou a casa
para sempre.

"A Mala"

A mala estava cheia e por muito cheia que estivesse, encontrava-se num recheio de vazio. Transbordava mesquinhez, desfazia-se na profundidade da qualidade dos bens.

Os dias de mandar, sem falar, acabaram para Matilde. Um simples olhar, já não lhe chegava, as suas mãos atadas, não eram suficientes, para pronunciar o que desejava, com um simples pé de aço.

Tinha que desfazer nós para entender a mala. Os nós da mala, atormentavam-na dentro de si.

A mala que trazia era grande, suficiente para Matilde, ter que a arrastar pelo chão, sem a conseguir colocar no ombro.

O vazio, por vezes era mais pesado do que o próprio corpo. Matilde assim, como um nó em falso. Desfazer esses nós

dentro de si, era um trabalho mais ardo, do que por fim, arrastar a mala pesada.

O tremor do desconhecido pairava sobre si, a idade trouxe-lhe uma forma manca de enxergar o que é certo ou errado, sem querer, cambaleava sempre para a ideia do que é errado.

O que fora curiosidade um dia,

transformara-se numa piedosa paranoia de cuidados. Sem confiar em ninguém, acabava não confiando em nada, como, assim, na própria mala.

Uma paranoia sucessiva de arrependimentos sérios do seu próprio julgamento. O julgamento era disperso e maior do que o vazio entranhado nos seus bens que carregava, mas, a arte de bater o pé maior, sempre. Um grito de liberdade, trazido pela mala de viagem, que ficava mais leve, a cada julgamento, porém, Matilde, revertia a situação, ficando cada vez mais pesada no seu corpo.

O nó da mala era essencial, mas para Matilde não. O essencial nunca seriam camisolas, casacos ou roupa interior, em último, tão menos importante, como os livros, no seu olhar abismado em não ter um único recado, flores ou lembrança em forma de bombons, uma pequena fotografia do passado. Matilde fica assim, com o essencial vazio. O essencial conectava-se, a tudo, o que fosse exterior a si mesma. O mundo de Matilde não era nada sem o mundo dos outros. Persentia que estava destinada a mudar o mundo dos outros e o seu de uma só vez.

A lista telefónica, a cada dia que passava, era cada vez, mais e mais pequena, como se o universo não a deixasse conectar-se consigo própria no olhar do outro.

Matilde estava mais preocupada em partilhar o essencial da mala, queria saber que não faltava nada aos outros. Matilde sempre fora boa amiga e nunca quis que faltasse nada a ninguém à sua volta. Havia uma certa necessidade de saber sobre tudo, enquanto esteve de viagem, como ouvir os problemas e de contar as suas próprias complicações, assim, como as aventuras. Os problemas que eram anteriores à viagem e se tinham transformado em soluções, estas que podiam salvaguardar outros, se os cujos amigos, não a deixassem consigo e com a mala.

Antes da viagem, Matilde tinha ido a julgamento, tinha sido confrontada com uma situação que não ousava pronunciar. Bem como, o seu amigo, Miguel. Ambos, embrulhados numa confusão em escala, em que tinham que partilhar as mesmas condições de julgamento. Eles falavam, entre olhares, que apenas diziam "estamos presos".

Margarida ficou feliz a cumprir a pena, longe da confusão da cidade. As prisões eram feitas de alegria e ternura, como os dias em que passou no campo a colher amoras. Sabia que no fundo, o seu coração era puro e ninguém lhe poderia tirar isso. Porém, sobrou-lhe julgamento em si mesma.

Quanto ao seu amigo Miguel, poderia estar num sarilho maior e ambos sabiam disso, sem falar alto. Na altura, tanto Miguel como Matilde falavam bem baixinho e pouco, o resto sobrava para a imaginação da troca de olhares de cada um.

Matilde não fazia julgamentos nestes momentos, temia por Miguel. As últimas notícias que tivera de Miguel, foi que este teve que expandir o seu mundo. Foi aí que a inveja entrou de mansinho, pois Matilde teve que contrair o seu.

No fim, da viagem, o que sobrou foi uma mala com o essencial, que ainda era muito penosa, em certos momentos, pois estava isolada, com peles passadas.

Matilde não queria admitir, os seus próprios erros, o seu próprio julgamento.

Uma mala de viagem, uma mala de olhar

sombrio sobre a alma. Que se vai desfazendo ao olhar de Matilde em cada peça. Em cada peça uma nova perspectiva, as roupas velhas são mais importantes do que as recentes. Guardam rancor, incômodos no estômago, feridas nas pernas.

As recentes parecem uma fantasia incorporada em ação. Uma mala de tolices, uma mala de malandrices, uma mala de obsessões e uma mala de criações. Os olhos de Matilde estavam grandes, capazes de devorar o mundo, o mundo dentro da mala. Os lábios carnudos de sibilar e suspirar, entre arrepios emocionais.

Espera outro julgamento a Matilde, por isso, ela precisa urgentemente da mala. Para saber, se está digna no tribunal, para saber que não lhe falta nada se tiver que contrair, de novo, o seu mundo.

Matilde, preocupada em procurar nos nós da mala se há algo que a salve, esquecesse de retirar os nós dentro de si, para o depoimento.

O que procurava na mala, que aos seus olhos devoradores, crescia em vazio, estava meramente dentro de si.

Matilde senta-se, perdida em roupas,
farrapos, mas nem um sinal de regras,
orientação, disciplina, palavras, amigos
ouvidos... Compreensão.

Houve som, houve som, ela acredita que
sim, puderam não haver palavras... Mas
começou a haver música. Conjunta, era
mútua. Era som vindo de dentro, quando o
arrependimento lhe ficou à flor da pele.
Sussurros, ouve-se, surros no seu peito
que gritam por liberdade.

O tribunal não iria gostar, da sua
presença em nós. Não seria presa duas
vezes seguidas. A menos que isto, já não
fosse um julgamento, por si só.

Os segredos, do mundo louco de Matilde,
entrelaçavam-se numa floresta dentro de
si, enquanto as roupas, um ninho de
serpentes, quimeras.

A confiança, estava espalhada no chão,
junto com as roupas. Apetecia-lhe
devorar as roupas e preencher as árvores
dentro de si. Porém, Matilde resolvera,
espalhar as roupas, as mais antigas,
como cobras pelas lixeiras da cidade.

Peças usadas, esburacadas, rotas.

Agora, Matilde tinha a falta de
confiança escondida, espalhadas pelas
ruas. Devolvidas à multidão, como sinal

de protesto, da falta de compaixão após a sua saída da cadeia.

Mas a luz, do seu próprio poder sobre o seu lixo vazio, fez com que escurecesse o seu mundo rápido. Havia muito tempo, que Matilde tinha uma lanterna sempre consigo, nestes momentos de escuridão, ligava-a. Porém, às vezes perdia-a no meio de tantos acessórios, que pareciam mais comida para gatos em grãos de areia, num deserto sem água.

O julgamento, estava próximo e quanto mais Matilde desfazia os nós da mala, mais estes cresciam em si. No meio de caramelos derretidos, Matilde, encontra cartas de tarot, com a ajuda da lanterna, os seus olhos devoradores de mundo, pegam numa carta específica.

Era o seis de copas, a imagem figurava duas raparigas, uma loira e uma morena com taças na mão. Foi quando então, começou a chover na floresta dentro de si e a água humidificou a terra batida, formando poças de lama.

Matilde em nós de lama, a cumprir, a pena dentro de si mesma, pondo assim, fim ao julgamento. O início da ternura pela lição da prisão iria começar, carregada de emoção, Matilde constrói de

o seu próprio jardim interior com lama,
fazendo crescer de novo árvores e com a
ajuda das roupas de fantasia,
transfigurá-las em seres que lhe
pudessem fazer companhia.

"Código da Estrada"

A condução e o sistema de código de estrada, era algo que não interessava a Francisca. Um pé em frente do outro, Francisca preferia caminhar aterrada com os dois pés no chão.

Um dia deparou-se com o sinal de semáforo que tanto imitia vermelho para peões, como verde para os carros. Porém, continuou a caminhar ao seu ritmo, sem dar atenção aos avisos e acabou por descobrir que podia atravessar a rua da mesma forma, independentemente do código de estrada. Para Francisca quem parava já não era ela, mas sim os carros.

Havia algo de transcendente, ao aperceber-se, que a aflição já não era sua, na maneira como costumava correr no sinal vermelho, essa aflição agora transportava-se para os condutores de automóveis.

Francisca, sabia pouco sobre o código de estrada, quanto mais sobre conduzir, mas a ideia fascinava-a.

A sua colega de casa, Cassandra, insistia que era impossível Francisca conduzir, temia pela vida das duas. As palavras de proibição ecoavam nos

ouvidos de Francisca quando tentava experimentar conduzir. Para Cassandra, Francisca nunca iria conseguir aprender. Mesmo assim, Francisca começou a tirar o código, ia começar pelo início. No fundo, até Francisca, sabia que não tinha talento para a condução, bem no fundo, era quando, as palavras de Cassandra falavam mais alto e a confiança desfazia-se em pedaços. Enquanto Francisca estudava o código, nunca deixava de passar nos semáforos vermelhos, nunca esperava que estes ficassem verde.

Chegou o dia da primeira aula de condução, em que finalmente poderia conduzir o carro. Francisca tremia de medo, não por ela, mas pelo instrutor. Ele, não sabia no perigo onde se estava a meter. Com hesitação, Francisca foi percorrendo as aulas, sentindo-se cada vez mais confiante e temendo menos pela sua vida e pela do instrutor, sem nunca lhe contar o seu segredo.

Meter as mudanças, que pareciam perras ao primeiro instante, deslizavam agora suavemente com a mão, suavemente com pé na embraiagem. Enquanto, as mudanças, ficavam mais suaves, as curvas ficavam

mais perras e vice-versa. Não poderia existir, mudanças com curvas, apenas, curvas sem mudanças.

Nas aulas teóricas todos falavam de condução defensiva, na prática, Francisca embaraçava o trânsito tanto quanto embaraçava-o quando passava na passadeira. Confusa, não queria ultrapassar o limite da velocidade, esse que sempre manteve enquanto peão, como devagar chega-se longe, fosse levado ao pedal.

Francisca tinha muita dificuldade em tirar o olhar do alcatrão da estrada à sua frente e ver o que está ao seu redor, as pernas tremiam, os pés entrelaçavam-se e nunca acertavam em cheio no pedal certo. Os cordões das sapatilhas embaraçavam-se no travão. Deixava o carro ir abaixo demasiadas vezes e para meter a primeira, começar a andar novamente, tirar o pé da embraiagem, era um grande desastre de movimento corporal.

Francisca nestas alturas, nem se imaginava, ao certo, conseguir remar um barco, quanto mais, conduzir um carro. Tudo sobre conduzir, ficava cada vez mais sombrio, o trânsito parecia uma

névoa de fumo, com casas pintadas em tons de cinzento, com quatro rodas. A multidão como adeptos de futebol, quando a sua equipa marca na baliza errada. Francisca começava a ver-se perdida no meio de uma falsa liberdade, aspira-se velocidade, no fundo acaba-se preso ao transito e aos seus próprios medos ansiosos de nunca chegar tarde. Num cubículo com cheiro a ambientador, sem ver uma cara amiga, apenas um susto do homem que já se baba no carro ao lado após a fila se posicionar. Por fim, sozinha com as fachtas brancas no chão. No passadiço da rua ou mesmo, num lugar de autocarro havia sempre alguém a ajudar a guiar o caminho, uma flor pelo jardim onde passava, tempo em que o exercício é posto em prática, assim, como a leitura em dia. Algo que no automóvel, se limitava as quatro estações de rádio, a discutir o transito iminente.

Na autoestrada, apenas melhorava o engarrafamento e o constante temor das altas velocidades aumentava, com pouco em vista sem se entender ao certo o caminho, como se corrêsemos, sem aproveitar a viagem, para chegar ao

destino o mais rápido possível.

Não havia necessidade de se sentir parte máquina automatizada com tantas outras opções de viagem, como o comboio, em que se é passageiro.

Francisca, começa a contornar as curvas e já consegue ver o sol a descer, para o outro lado das montanhas. Ao seu lado, o examinador da prova de condução começa a fechar os olhos lentamente, aderindo assim, à fantasia de Francisca de ser passageira, que por sua vez, fecha os olhos com ele, sentido a briza suave da noite pelo cabelo. Os dedos começam a escorregar pelo volante, as rodas deslizam montanha fora em direção a um precipício, voando pelo ar Francisca é embalada pela melodia de ser passageira, no seu próprio navio, que afunda num lago.

A cara dissolvendo-se na água, Francisca acorda em alvoroço, como quem respira dentro de água. Ao seu lado, Cassandra chama-a para irem ver os peixes.

O carro como um submarino submerso desliza com os faróis acesos por uma âncora que o tira fora de água.

Francisca, olha para trás, sente que sempre soube respirar de baixo de água,

onde não existe transito, apenas nadadores, rastejantes, quadrúpedes. Assim, como o carro que agora trespassa o ar e ao seu lado um lugar vazio. Não havia sinal de Cassandra, mas o carro ao pousar em terra firme, consegue avistar o examinador encharcado.

A partir de agora, Francisca seria apenas, passageira. Como as suas viagens, também seriam passageiras. A responsabilidade de guiar, não era para si. Agora tirava sempre o chapéu aos condutores, que respeitavam os semáforos. Assim, como ela, começara a respeitar.

"Comprimidos para dormir"

Um. Glu... comprimido. Dois. Glu... comprimidos. Trê. Glu... comprimidos. Glu... Glu... Garganta abaixo, um, dois, três, comprimidos.

Os olhos abertos, a videochamada ligada para o mundo, todos observam, o ato de adormecer para a vida enquanto se está acordado. Emília não consegue esconder a dor no olhar com a insónia já a fazer-se tarde.

A videochamada uma companhia, como uma espécie de chat com outros que não dormem. Três e meia da manhã no relógio do computador, três e vinte e nove no relógio de parede.

Emília fita o ecrã, perguntando-se porque é que ninguém fecha a chamada dela, o porquê de a observarem e o que é que sabem realmente sobre ela, após estas chamadas diárias. Fixos olhares do outro lado do ecrã, neste momento, estão trinta e quatro visualizadores.

Quando temos as nossas insónias expostas assim, até que ponto se pode esconder a vontade de dormir, que vai crescendo dia após dia, assim, como os visualizadores, com picos entre a hora nobre das oito da

noite e seis da manhã, como o antes de ir deitar e quando se começa o dia, como um sopro do sono, que resta no corpo de Emília fosse transferido para a base de dados dos que observam e escutam.

O dia para Emília é contínuo, os picos de sono acompanham os visualizadores, presentes na sala de chat. Com a mão sobre o queixo, divagando com o rato sobre o ecrã, foca-se na sua imagem projetada e desvanece-se em pensamentos sobre os outros seres que não dormem e que nunca mostram a cara.

Desconhecidos oferecem-lhe o número de telefone. Emília exita, mas acaba por aceitar, ter a voz de outro, por uns segundos, preenche-lhe a solidão.

Fica mais um pouco, ouve-se do outro lado da chamada. Mas, Emília já não consegue esconder a sua fragilidade na camera e a voz começa a tremer.

É a hora nobre, são seis e meia da manhã, Emília, precisa-se integra, mesmo cansada, tem que fazer o café. Não pensa nas horas, desliga todos os aparelhos eletrónicos que a conectavam com o mundo, incluído o ruído da televisão, que nem prestou atenção durante toda a noite.

A meio do café da manhã, sentada na mesa de vidro da cozinha, lentamente os comprimidos, tomados novamente como um ritual, começam a fazer efeito e a cabeça começa a deslizar pelo ombro já com os olhos fechados.

Comprimido para acordar, são três da tarde e o colega de casa de Emília acorda-a com o barulho de bater a porta da entrada.

A água no copo sobre a mesa, arrasta-se goela abaixo com comprimidos. Emília, estende-se na cadeira, meio acordada e meio a dormir. Não sabe ao certo, mas já não é ela própria que controla os seus movimentos, algo lhe controla o corpo, assim como o calendário da cozinha lhe agarra o olhar e como as direções dos pés automatizados, se instalam dentro das sapatilhas por apertar.

As cores dos seus olhos ao espelho, começam a mudar, não só as pálpebras inchadas de não pregar olho, assim como, os seus olhos castanhos, ficam azuis acinzentados. Os dedos cruzam-se, num gesto, de fazer calar o ruído dos seus pensamentos.

Comprimidos para dormir, são três da manhã. Emília, volta a não conseguir,

adormecer. Tem o pensamento nas pessoas que lhe davam o número. Existe saudades de todos, que participavam, no chat. Coloca os números, um a um no telemóvel, na esperança, que hoje alguém não durma como ela. As chamadas vão todas parar ao Voicemail. Voicemail... Voicemail....

Nervoso, ansioso, o peito de Emília corta-lhe a respiração, mais um comprimido para a ansiedade.

Pega num livro, chora um pouco, reinventa-se ao espelho, inventa o pijama com lençóis de cama e adormece na banheira, onde fingia ser sereia, com as tranças sobre a cara e a almofada nas mãos, como um volante de um navio que encalhou na costa.

São seis da tarde, o navio começa a verter água, Emília acorda novamente, sobressaltada com os passos de pessoas no apartamento. O colega de casa tinha convidados, mas, Emília não queria ficar para os conhecer.

Novamente com o rosto no espelho, um comprimido para acordar. As horas das tomas, invertidas.

Encontra-se no parque, calma e composta, porém, cega de vontade de pegar nos comprimidos, tomá-los todos de uma vez.

Quer acabar no chão que ela estuda, com uma régua milimétrica no olho, para saber cada passinho que dá, até à queda final.

Para se distrair, Emília, tenta tudo. Desliga novamente os aparelhos eletrónicos. Arruma o quarto, veste-se, são oito da manhã, pequeno-almoço. Vai à praia, corta a relva, lê o jornal.

São nove da noite e está confiante que hoje vai dormir, no tempo certo. Toma os comprimidos para dormir, não dois ou três, mas sim a dose recomendada.

Esconde-se numa camada de cobertores, Emília e os seus olhos cansados, desvanecem para pensamentos inquietantes, que a fazem revirar na cama. Tremores de medo sobre o fim de uma inocência, dos seus joelhos miseráveis, agarrados pelos braços e uma almofada molhada, não com baba, mas com lágrima, Emília adormece num sono profundo.

Sobre o sol do meio dia, lê um pouco o jornal, os pensamentos sobre a inocência manchada num chat às quatro da manhã, a sua imagem de quem não dorme espelhada no visor de centenas de pessoas.

O desespero levou-a a um contacto íntimo

com estranhos, que nunca chegaram a saber o seu verdadeiro nome. Ficava com as pessoas, até à saturação, nenhuma lhes dirigiu mais a palavra. Esse abandono, esse uso da sua pessoa, criava uma azia nas entranhas. Após os comprimidos de dormir, deitar na cama vinha sempre acompanhado por tremores espalhados no corpo. Os olhos negros de Emília aprofundavam-se cada vez mais, na plenitude do desespero, quando o relógio batia a meia noite. Os pensamentos acelerados, voltavam-se para um medo constante, a cima de tudo, o medo de conectar-se novamente. Voicemail. Voicemail... Voicemail.... Era o som, que ocupava a maior parte das noites de Emília, enquanto a lágrima debruçava-se sobre a cama. Apenas queria voltar, para poder, ver a verdade a espalhar-se entre os amigos, os companheiros, os desconhecidos e os conhecidos, que a deixaram neste sonambulismo toxico. A verdade estampada na cara de Emília, que não a deixava pregar olho facilmente, sem sucumbir a comprimidos. Acorda com a música vinda do corredor, em vez de sobressaltada, Emília cobre-se

de lágrimas, enchendo-lhe a cabeça de memórias, em que tempos fora, um deles, um deles que dançam.

Um comprimido para acordar, outro para ajudar a acalmar, acalmar a fera que quer saltar do peito.

Emília no topo de um prédio, com uma garrafa de vinho, sozinha, a deambular ao som do vento. Emília, a espreitar de uma janela do décimo andar, com vista sobre a cidade. Emília e um temor de morte. A despedida seria como um mar de edredões feito por pessoas que a cobriam e apertavam-na, até o sangue o próprio sangue se esmagar.

Emília, no fundo, sabia que não iria morrer, pelo menos não para já. Mas, brincava, sabia o risco e havia um certo gosto de o pisar, principalmente quando os olhos, o corpo e o coração já não descansavam mais.

Emília, tinha que visitar o psiquiatra, a sua medicação precisava de ser alterada. Por vezes adormecia no prédio das escadas, por tão exausta se encontrar.

As consultas assustavam-na, tinha de se comprometer estar com alguém que a fazia sentir, mais pequena do que o habitual.

Os momentos com o médico eram cheios de olhares constrangedores e intimidantes. Havia sempre discussão em relação à medicação, Emília rejeitava qualquer alteração, porém estava ciente que não conseguia dormir com aquela medicação, ou, dançar.

O psiquiatra, era frio, ficava a olhar o computador, sem nada dizer. Enquanto Emília, desfazia-se em melancolia, sentada na cadeira.

De antipsicóticos, a comprimidos para efeitos secundários, a estabilizadores de humor... Emília, tinha uma bula gigante do que já tomara.

No meio da cidade, enquanto percorria a rua, em busca de uma nova solução em forma de comprimido, Emília, asfixiada em nós de gente, na intimidade de não os conhecer.

"A viúva"

Os olhos lacrimejantes, por trás da rede preta, derramam águas passadas. Mesmo que a Viúva, sinta o futuro a envolvê-la, existe a angústia de nunca mais poder ver o cônjuge falecido. As nuvens cinzentas que cobrem no céu, podem até abrir e dar lugar a sol de Inverno, porém, nada será como dantes. A marca, a cruz que a viúva leva ao peito, pesa mais com nostalgia, do que com saudades, como se tudo que tivera existido até ao momento em que se tornara viúva fosse mais belo, do que qualquer sol que cubra o céu.

A viúva, pede e suplica a Deus para a levarem a ela, em vez do marido. Só que os dias vão passando e a cruz no peito fica cada vez maior. As fotografias do passado são como tentar agarrar vento. O cônjuge, seis metros abaixo do chão. A viúva, nesta vida, até ao fim de luto. A revolta perante a morte, das suas mãos jovens, até às suas mãos rugosas de velha, do caixão até à cova.

Existe uma revolta, por lhe roubarem o marido, antes do fim. Antes do fim... A viúva insiste, antes, para levarem a ela

nesse final, obscuro que não perdoa a ninguém.

Os dias vão se entrelaçando uns nos outros, a mágoa de um adeus nunca dito, pesa novamente sobre o peito. A viúva passa os dias a costurar, as camisas do falecido, as mais antigas, que ele tinha e já nem lhe serviam, numa tentativa de afogar as saudades. As lágrimas percorrem-lhe o rosto. Caixas de memórias, escondem-se pelos recantos da casa. A rádio que estava sempre a tocar, agora no silêncio. Os costumes diários mudaram, os pombos no terraço já mais cá voltaram a aparecer no terraço. O pão e as migalhas tinham acabado nesta casa. Foi precoce o casamento, apenas com dezasseis anos de idade, durante anos, a viúva, aturou as bebedeiras e os promíscuos acontecimentos do falecido. Cozinhava e lavava-lhe a roupa, como por apaixonada por um miúdo que crescera e era simples tonto.

Para alguns a perda podia não ter sido grande, mas a viúva, ainda se lembra dos olhos azuis aterrorizados com o medo de grutas quando tinham apenas dezasseis anos e como se aconchegava no seu peito, a pedir perdão. Um amor, condenado na

ilusão de se ter mais um dia perto.

O que tinha de mau, contrariava-se com a sua honestidade e malandrices como uma criança agarrada a uma mãe.

Sobraram sombras do que tinha sido um grande amor, como a Viúva tinha amado aquele homem, que nunca tinha onde cair morto. O coração da Viúva, era de ouro, durante anos carregou um fardo de um homem pesado, que precisava sempre de uma mão para o guiar.

O falecido, um leão que não podia ser agarrado, nem acalmado por ninguém, exceto pela Viúva, que sempre o acudia em todas as suas preces.

Por vezes o homem aparecia como se tivesse visto o inferno, a percorrer-lhe a visão. Com um ar enraivecido. Enquanto que, a viúva, lhe sussurra, contos de sabedoria ao ouvido, para o acalmar.

O falecido, reservado, sempre reservado, paciente, para desvendar, todas as feridas que cobriam a viúva e tinham tornado o coração dela, ouro.

A viúva era boa, a carregar os pesos, tinha mãos fortes, o falecido mãos fracas, braços fracos, o frio cobria-lhe a pele. O calor da viúva, era a única coisa que falecido procurava. Não havia

nada para esconder, numa vida simples, honesta, quando se é desonesto, abertamente.

A viúva, aquecia o chá, quando o homem ainda era vivo e chegava a casa. Nada mais reconfortante, que pequenos mimos, como cigarros enrolados.

Tomavam sempre o café da manhã, na pastelaria da esquina, o homem fazia questão de beijar todas a manhãs a testa à viúva. Não havia mulher, que ele respeitasse mais, na sua maneira desajeitada de homem trapalhão.

Porém, agora a viúva sentia os arrepios da solidão ao seu redor. A cada dia, mais um na pequena vila, caia morto.

A viúva sozinha, esperando reencontrar-se com o marido, através do portal da morte. Mas os dias continuavam a passar, e as rugas apenas aumentavam, o coração cada vez mais batia ao som do relógio, fazendo, boom, boom, boom.

A morte, não a queria. O seu olhar ainda estava coberto de uma infância por descobrir.

“A Baía”

Num céu aguado a fundo no horizonte do mar, havia uma ninfa que não cantava, não se expressava, nem um som imitava ao ver os marinheiros.

Na imensidão do oceano, um tubarão perseguia os pés com pequenas barbatanas da ninfa, numa tentativa furada de lhe rasgar a carne, a ninfa sufocava nas próprias palavras de socorro. Em cada pedido de ajuda, o seu cabelo negro entrelaçava-se nas profundezas das águas e ao bocejar com os seus dentes afiados ouvia-se sons de sirene entorpecidos pelo lugar mais fundo das camadas que cobriam o mar.

Durante a noite, a ninfa encostava-se a um rochedo ao luar, tentando retirar o que sobrava das lutas com o tubarão do seu corpo esquelético. Com muita gentileza, pedia à lua, oferecendo os restos de tubarão que capturara, com as suas mãos com guelras erguidas, pedia e pedia, para lhe retirar as feridas e a maldição da sua garganta, que não produzia um som coerente com os das outras ninfas, apenas murmúrios. Os pedidos de ajuda, eram nada nem menos,

gestos com as mãos ao luar.

A ninfa adormeceu no rochedo e uma onda enorme cobriu-a e sem o despertar da ninfa, tartarugas com a pressa de chegar à areia para pôr os ovos, carregaram-nas costas.

Ao acordou na costa, a cuspir pedras minúsculas e conchas. As palavras continuavam sem nunca vir, mas as guelras e barbatanas, deram lugar a um corpo mais humano e mais delicado.

Na costa, a ninfa percebeu que tinha as pernas para andar e braços para abraçar. Conseguia fazer uma linguagem gestual, que todos entendiam, mesmo, que ela não conseguisse dar um sinal de vida através das palavras. Apanhada de surpresa por um caranguejo, que tentava construir uma casa solitária, fez amizade ao o ajudar. Como a ninfa, o caranguejo, também não era bom com palavras, mas, ambos eram bons a construir coisas, agora fora de água.

Pintavam as caras de felicidade, ao projetarem ideias e ao concretizá-las. Estavam sempre acompanhados, os dois, mais um. Os dois, mais três. Amigos, não faltavam à ninfa e ao caranguejo, que sempre se aprontavam a ajudar quem quer

que fosse que atravessa-se aquela baía. Rebolavam na areia e viam o sol a pôr-se, para ver o sol a nascer de novo, não eram preciso palavras, para descrever o sentimento de entreaajuda e amizade, de ambos. Assim, como não havia palavras quando o caranguejo usava o ombro da Ninfa para apoio ou transporte. Por vezes, a ninfa olhava para o mar, com ar nostálgico e isso entristecia o caranguejo que gostava de andar pela costa.

A ninfa tinha marcas na pele, das lutas no oceano. Todos podiam ver, ninguém as podia tocar e tinham medo de perguntar. O caranguejo tinha todo o tipo de compressas, e quem sabe, um avião de papel. Coisas simples, mas eficazes para desviar a ninfa dos pensamentos moribundos, que insistiam em tocar nas feridas da Ninfa.

O cabelo da ninfa tinha muitos nós e era preciso que alguém os desfizesse, pois ela sozinha nunca os conseguia tirar. Eles a remoíam por dentro de aflição. A ninfa tinha vindo do fim do oceano, estava cansada quando encontrou o caranguejo, estava pronta para se deitar e observar o sol que iluminava até nos

dias mais chuvosos.

O caranguejo trepava a ninfa, para saber de tudo mais um pouco, o mistério cegava-o. Pois, a ninfa nunca podia falar mesmo que quisesse.

O caranguejo atropelava-se nas apalavras, acreditava que conhecia a ninfa de cor, mas, para quem vem do fundo do oceano, saber o que cada um faz no dia a dia não é intimidade. São apenas rumores, do que na alma acontece. Sem palavras ditas, o caranguejo, desapareceu, sem deixar rasto. Apenas a casa que construíram ficou. Enquanto, a ninfa entristecida espera com a sua própria sombra na areia.

A distância tão grande, que o som da mente da ninfa começa a enlouquecer, a tristeza tão grande que a ninfa, agora apenas lhe resta voltar ao mar. Ao entrar nas águas de ninfa triste passa a baleia solitária, o seu corpo transforma-se num animal enorme, capaz de devorar os tubarões que aparecerem. Estava pesada e tinha muito, mas, muito dentro de si, talvez as lágrimas viessem e lhe limpassem a alma, talvez alguém ouvisse o seu cântico, que agora como baleia ecoava e a pudesse acalmar no seu

adeus eterno, ou, simplesmente o tubarão a ferisse de novo... Para ela poder acordar para uma dor tão profunda que a fizesse despertar.

Ninfa que se tornara baleia, voltara para onde veio. Sabia, muito bem o que lhe esperava no oceano, porém, sentia-se diferente, mais confiante nas palavras, que ficavam antes sempre por dizer. Como baleia elas chamavam a atenção dos outros seres marinhos. Com este corpo, com esta forma, com este pesar ela consegue cantar para todos, para se sentir menos só, pois, a tristeza que trás de todos faz parte, pois todos nós já não nos conseguimos expressar algum dia, porque todos nós já sentimos o adeus que não tem volta.

Acolheu, os peixes sobre as costas e as tartarugas que a salvaram, como uma família. No oceano agora podia conversar com os amigos, que nunca tinham antes ouvido falar. Baleia, que não quer mais chorar pelo ontem, quer abraçar de novo o mar, tão grande e tão cheio.

A vida como tinha sido sobre luz do sol, sobre a areia molhada e os castelos que tinha construído, passaram a fragmentos da memória, assim como a época em que

não pronunciava uma palavra. Agora, esquecida de ninfa, a baleia tem uma chama dentro de si após a sua transformação radical, mesmo de baixo de água.

Nas areias da baía, ficou concretizado um desejo longínquo de amor infinito de canto. Voltar para o mar, era como voltar para os braços da mãe, inundada em tristeza, mas com tanto para contar. As saudades, de poder ver as algas, as saudades de ver alforrecas elétricas. Cantando canções, do que um dia tinha sido ter pernas, braços e ter sido uma sereia, a baleia, agora tinha o dom de cantar.

Sabia que dentro do mar, a relação tinha sido apenas com um tubarão, as profundezas, já tinha explorado. Por isso, agora tinha que aprender a cantar, sobre águas menos profundas, águas azuis clarinhas, ondas calminhas.

“O sangue dos Inimigos”

Esmeralda tinha as mãos cobertas de sangue, não sabia de quem era o sangue, mas ela esfregava as mãos e cada vez mais espalhava-se o sangue nos balcões da cozinha dos Vicentes. Não havia água nas torneiras, alguém tinha sido morto e não havia como limpar ou ocultar o estrago. Esmeralda, era apenas empregada doméstica e já se tinha sujado, não havia forma de esquecer o que se tinha passado na casa dos Vicentes.

Era a sua própria vida que estava em jogo. Esmeralda, tinha a certeza que era inocente, não podia ter sido ela. O corpo do assassinado não estava presente, mas deixou um rasto de um colar de diamantes, que Esmeralda furtara e metera ao bolso da sua bata.

Esta família, sempre tinha sido traiçoeira, pior do que com outros, era traiçoeira com entre ela mesma.

Esmeralda, podia ter sido deixada com um trabalho horrendo por fazer, mas o colar assegurava-lhe a continuação da sua família independente dela.

Um tiro, para o pé, não consegues andar, ria-se, Cristóvão Vicente, um jovem, que

ainda conseguia manter o humor depois da tragédia. Cristóvão fazia trocadilhos com o ocorrido. Um tiro no peito, não te consegues apaixonar, sujava-se cada vez mais Esmeralda, a limpar as roupas manchadas em lixivia. Um tiro, no estômago, não consegues comer, Esmeralda, cega com o colar escondido na mão. Os tiros de caçadeira ainda ecoavam pelo corredor da casa dos Vicentes. Isto é guerra, todos os dias, porém, Esmeralda é inocente. Mãe, pai, avô e netos reuniam-se por saberem certo que Esmeralda era inocente.

A culpa seria sempre da velha da vizinha, a demência subia-lhe à cabeça, as mãos sujavam-se, porque não tinha onde se agarrar e tudo era inimigo, quando a memória não despertava.

Vai com calma, pensa de novo, falando consigo mesma, Esmeralda reflete-se no vidro partido ainda no chão e na memória. Talvez estivesse tido sempre a falar consigo mesma, assim, como a vizinha. Um tiro, no cérebro. Ver as estrelas de mãos algemadas. Estava condenada. O veredito da imaginação fértil dizia Belmira Vicente.

A vergonha cobria o rosto de Esmeralda,

que carregava um sorriso sinistro de maldade e ternura, assim como Belmira Vicente. A fundo, todos desculpariam Esmeralda, pois, todos se sentiam culpados de alguma forma.

Porém Belmira, não tinha traços de inocência, era velha e condenada a rir-se do mal dos outros. Ao pescoço trazia um colar igual ao que Esmeralda roubara. Mas Belmira ainda estava viva.

Com as mãos sujas de sangue toda a família também reunia nas limpezas. Sem saber onde se esconderem ou então, o que estão realmente esconder.

É preciso lixivia, deixar, tudo bem limpinho, bem branquinho, bem sem evidências dos crimes cometidos.

A arma escondida, mantida, atrás das costas enfiada nas calças. Era o senhor Vicente Vicente que resguardava.

Esmeralda, só a usaria, se fosse forçada a tal coisa. Aprendeu, que não quer mais ter as mãos sujas de sangue, por brincadeira. O preço que pagara, era alto. Tinha esburacado fundo, pequenas almas penadas. Os que a encobriam, eram cúmplices da sua maldade.

Esmeralda precisava de se sentir limpa do passado, limpa de consumir almas, limpa de tiros profundos, que perfuravam cada vez mais dentro do ser. Ver com de outro olhar a sua nova vida, o seu olhar desajeitado de inocência, de novo ao espelho. As suas mãos trémulas encaixam, de novo o colar no seu pescoço e toda a sua cara se transforma em Belmira Vicente.

Ao ver-se corre para fora da casa, tiros no escuro, com passos nos fininhos tacões de Belmira, que lhe ecoam aos ouvidos, na sensação dos passos não serem seus.

Não era apenas a aparência se tinha transformado, Esmeralda Belmira inunda-se em sentimentos que apenas são químicos em pele rugosa. A gargalhada de maldade apertada no pescoço.

Esmeralda Belmira rendida, ao avistar as memórias de Belmira na própria mente, a humildade cobre-lhe o rosto.

As algemas nas mãos, ensina-lhe que Belmira ficaria impune e ela na prisão, por um crime que não cometera.

Apenas na imaginação isso aconteceria, a visão do futuro com o passado, faz

Esmeralda tirar o colar e voltar ao normal. A culpada seria sempre então Belmira, ou se calhasse, a outra face do colar.

Nas mãos erradas, aquele colar podia ser muito perigoso, mas de assassina a ladra, já foi menos curto o caminho.

Belmira Vicente tinha a estrias, do tempo marcadas nos seios, nas ancas. Os dentes de tártaro e a dentadura postiça, num só. Apenas restava, uma chamada de Esmeralda para a polícia e desfazia-se o nó.

Belmira Vicente algemada, sabia, que um dia estaria no topo das colinas caçando novamente. Com o dinheiro desta família, Belmira Vicente não iria ficar algemada para sempre. Nem muito menos, com as mãos limpas e sim, com as mãos livres. O segredo era não ser apanhada, com o ego de rico a ferver-lhe nas veias. Sobre o Juíz a intemporal humildade de quem sabe, o olhar inocente de uma ovelha a ver um lobo.

"Correr com as corujas"

O relvado era pequeno, o verde tornava-se brilhante com a caída da chuva ao anoitecer. Copos com sumo de laranja juntavam-se numa mesa de madeira, perto da janela da casa branca.

Bernardo e Adriana repousavam nas árvores mais próximas, como sinal de que a sabedoria acordava tarde, estes proferiam palavras inesgotáveis na crença de serem algo valioso, mas mais uma vez, a sabedoria acorda tarde.

Noutro canto do relvado Helena, Vasco e Paulo conversam já sobre o fim do Verão. Na cozinha de onde se vê o relvado Mariza rapa o tacho, na tentativa da comida chegar para todos.

Paulo mantém a boca fechada, regista as ações. O que ouves, não é metade da história, regista, os gestos de amor de Bernardo e Adriana, que deixam a raiva de lado. Mata com gentileza, o coração ciumento de Paulo, por querer interromper o valor que a estes dois não pertence.

Helena conta como aprende a falar várias línguas, da nobreza à plebe, todos tentam falar com valor, seja este

emocional ou monetário.

Vasco grita-lhe para não ter medo de andar descalça. Mas ao mesmo tempo, insiste que ela não se esqueça dos sapatos.

Bernardo aprende a ser humilde, baixa o nariz empinado, mas, nunca perante o espelho. O Olhar de Adriana tão altivo, que fazia estremecer os galhos das árvores, lembravam Bernardo da sua própria insignificância. Solta as amarras ao vento e deixa a Adriana poemas ao ouvido.

Isto não está certo. Helena bate com o pé descalço na terra. Pega no livro, morde a língua. Cospe palavras, enrola-as, dirige-se a Paulo, tropeçando num galho.

As cartas já deviam ter chegado, e sobre este pensamento telepático com os amigos, Adriana abre a caixa de correio ao fundo do corredor, no hall de entrada, mas a caixa está vazia.

Bernardo, olha para o chão e duas cartas estão esmagadas pelos seus pés.

Vasco ouve Bernardo a sussurrar-lhe coisas como agora vai ser tudo diferente, enquanto lê uma das cartas. Helena encostada à porta da sala não

percebe como as coisas podem ser diferentes, mas Paulo, mostra-lhe uma cicatriz no ombro e conecta o que pode vir a mudar se não tivermos cuidado. Adriana também tinha uma carta, tinha estado a ser julgada ou condenada a um futuro precoce. Bernardo estende-lhe a carta dela e com um suspiro apercebe-se que tudo será mais complicado para Adriana do que para ele.

Com a carta na mão Adriana esconde-se e lê para si própria, com lágrimas já a correr-lhe na face que seria absolvida do caso.

Bernardo enganara-se, Adriana afinal, não teria mais complicações, enquanto ele seria posto à prova.

O sumo de laranja estava pronto para festejar, numa bandeja, Mariza trazia os restos de comida para a sala empoeirada.

Bernardo ainda teria de ir a interrogatório, no qual não temia nada.

A escolha de não ter ido para a faculdade era dele, assim como a escolha de Adriana ir para a faculdade de Belas Artes era dela e disso, já nem ninguém a tirava, fora absolvida de ser economista, como o eu pai queria tanto. Já com o copo de sumo de laranja Vasco

abraça em sinal de festejo com Bernardo,
que viria a ser mais um cidadão com a
própria tomada de decisão.

Helena abraça Adriana e diz lhe que se
vai tornar sábia como as corujas e em
seguida dando a mão a bernardo diz-lhe e
tu bernardo, serás livre como as
corujas.

Paulo não entendeu porquê as corujas,
mas ao olhar o céu à porta da entrada,
avistou uma gaivota a sobrevoar,
parecia-se com um abutre à espera da
próxima migalha no chão.

“Anjos”

No escuro um espelho, marcando o rosto
pelas sombras da alvorada. Linda e
Fátima segredam ao ouvido num quarto
vazio, as janelas trancadas com madeira.
Luís entra, trança o cabelo a Fátima.
Linda engole saliva ácida, de um
bebedouro perto de si.

Fátima pronta, Linda à espera. Todos
vestidos de branco.

Luís leva Fátima para outro quarto, onde
despe o vestido branco e no corpo nu de
Fátima, desenha runas.

Linda em outro espaço, não consegue
esconder a ansiedade, pergunta-se o que
estarão a fazer. O mistério dá-lhe
voltas à barriga.

Luís banha Fátima em água benta,
limpando os desenhos das runas, porém,
as runas ficam marcadas na pele com um
tom arroxeadado.

Luís segreda ao ouvido de Fátima, os
olhos dela ficam pálidos, brancos, o
corpo contorce-se, asas crescem nas
costas.

No mesmo momento, Linda, na outra sala,
fica com os olhos brancos e com asas de
anjo, mas, não se contorce, nem voa para

fora através das paredes, como Fátima.
Linda, começa a retirar as madeiras da
janela e voa do quinto andar,
sobrevoadando a cidade.

Fátima ao atravessar as paredes,
esquece-se de onde está, esquece-se de
Linda, esquece-se de Luís.

Atravessa o chão, para dar um voo bem
alto pelo céu.

Acompanhando as gaivotas próximas, junto
ao mar, Linda avista Fátima, mas não lhe
dirige a palavra. A amnesia começa-lhe a
interromper a alma.

Luís desaparece de olhos negros e
sorriso sinistro, no espelho escuro, da
casa, agora inabitada.

Fátima segue para Sul, reencontra-se com
outros anjos amnésicos. Pintam as casas
de amarelo e o jardim em tons pasteis.
Linda segue para Sul, invade uma das
casas amarelas, porém, o jardim não tem
tons pasteis, mas sim, tons beges
acastanhados.

Linda e Fátima vivem em casas separadas,
mas a missão é a mesma, não falam do que
sabiam, porque já não sabem o que
sabiam.

Os sinais vêm durante o sono, os sonhos,
são o portal, em que Luís vai dando

receitas para se manterem limpas, leves e conseguirem voar.

Não havia coincidência, em estarem na mesma cidade, nem mesmo em não se lembrarem nem de uma, nem de outra.

Tinha que ser assim, se lembrassem-se da sua relação, iriam-se lembrar de quem realmente eram e não podiam.

Tinham regras a seguir.

Ambas lhes pareciam familiares, porém, não se conseguiam ver no meio de tanta luz. Pois, ambas estavam sempre iluminadas.

Tinham-se conhecido no escuro. Linda e Fátima, na luz, iguais, porém, irreconhecíveis.

Precisam de seguir o mesmo caminho, de maneira diferente, com isto, quero dizer que ambas têm papéis semelhantes, mas, com diferentes pessoas.

Em grupo, telepaticamente, enviam sinais para as coisas se acalmarem e melhorarem, ambas, são um sinal de boa sorte. Como se as chaves de casa perdidas, fossem encontradas mais facilmente.

Tanto Fátima, como Linda, tinham o dom de prever o futuro através das suas pinturas. Símbolos celtas, marcavam as

telas brancas.

Os restantes membros das casas, confusos com a sua presença, porém, a vida corria melhor com elas por perto.

A sopa deixada ao lume não queimava, as doenças não afetavam a mente.

Durante o sono, rituais aconteciam e bem antes de dormir, tinham que colocar perto de si pequenas pedras de sal.

Afastavam os pesadelos, diziam.

Mascaradas de anjos, limpavam o chão e os azulejos da casa de banho. Refletindo de novo um espelho, mas, desta vez no branco puro, sem restos de sombras.

Linda aprendia a servir e Fátima aprendia humildade, à medida que as regras iam sendo cumpridas, mais angelicais ficavam, ao mesmo tento que pareciam mais humanas e largavam os trajes brancos, por roupas humildes mas iguais aos seres que não voam, a todos os seres que contribuem para a sociedade.

Largavam penas dia a pós dia, noite após noite embrenhadas com o homem misterioso que era nada mais nada menos que, Luís, usando as suas pobres almas como marionetas.

Num ambiente construído sinteticamente,

para as manter seguras de si próprias.
Mas longe de poderem tomar decisões que
não fossem implantadas durante o sono.
Dentro do subconsciente o seu reino não
lhes pertencia, este subconsciente manda
o consciente e nunca ao contrario,
fazendo com que ambas se tornassem cada
vez mais humanas e esquecem-se que um
dia poderam voar.

Não havia lembranças de Luís, apenas
como um homem estranho na mente que
aparecia na altura de procurar
respostas.

Pouco controlo sobrava nas suas vidas,
tanto Fátima como Linda desconheciam-se
e caminhavam no meio de uma multidão sem
fim para repetir tarefas, que já não
serviam de nada sem ser suster os
pilares da sociedade e que viviam, em
que as suas opiniões eram ocultadas da
mente, com distrações supérfluas.

Tornaram se humanas computadorizadas, como
um algoritmo plantado no nascimento para
não verem, não questionarem, não se
perguntarem.

“Sem Diálogos”

Bianca entolhava a garganta com almofadas duras, observava e absorvia, tudo até à exaustão. Deixava-se atropelar quando os outros se tinham de comunicar, e ficava no seu canto, à espera de um dia poder falar.

Esse dia parecia, nunca mais chegar, Bianca navegava em mares turbulentos de emoções que não conseguia expressar. Segredos íntimos que não conseguia revelar. Nem podia, uma paranoia, tamanha.

As pernas e os braços tremiam, a única coisa que Bianca queria, era alguém para conversar, porém, não sabia em quem confiar. Tinha medo de tudo e de todos,

a sensibilidade era grande.

Não tinha os mesmos interesses que os amigos, não gostava de conversas de café, preferia o jardim, onde apenas os velhos jogavam as cartas.

Por vezes, tentava convencer os amigos a ir para o jardim com ela, porém não era todos os dias que tinha essa sorte.

Bianca gostava mais de falar com as árvores, os pássaros, o vento. Como se a natureza entendesse melhor os seus segredos, do que um amigo, que poderia esquecer-se rapidamente do assunto e não a valorizar, como gostasse de ser valorizada.

A falta de conexão fazia Bianca sentir-se encarcerada em si mesma, acabando, por falar consigo própria vezes e vezes sem conta.

A solidão enlouquecia aos poucos a mente de Bianca, que ia acreditando que as pessoas dentro da cabeça dela existiam mesmo.

Os diálogos entre si mesma, eram confusos, como se alguém pedisse perdão e outro fosse chorão. Como se alguém gritasse e mandasse, barafustasse, como outro tentasse acalmar e sossegar a fera que habita no seu coração.

Tinha medo de partilhar o que lhe fazia comichão na mente, se os outros soubessem que ela tinha outras pessoas dentro da cabeça dela, iam achar que tinha enlouquecido. Não podia falar. Era certo.

Porém, tentava demonstrar que estava desconfortável através de gestos manuais. As pessoas percebiam, não entendiam o porquê, mas percebiam, que algo estava de errado com Bianca. Como se conseguissem ver a fita adesiva colada na sua boca fina.

Sempre que se tentava expressar, o ar começava a faltar.

Bianca criara uma prisão a si mesma, em que a expressão não existia. O medo reinava, junto com uma paranoia constante de alguém poder descobrir sequer o que é que ela poderia estar a pensar.

As vozes enlouqueciam a mente, os braços queriam arrancar os cabelos um a um. Por vezes tinha que se manter tão quieta por qualquer movimento, poderia ser demasiado brusco e revelar demasiada violência contra si mesma.

Magoar o próximo era como magoar-se a si mesma. A si mesma, parecia cada vez mais

distante com as vozes a acumularem-se na garganta que não imitia som por nada deste mundo.

Estava encurralada, não queria ocupar espaço, então ficava sozinha, mesmo quando a chamavam. Tinha medo de dizer a coisa errada no momento errado.

Bianca preferia se rodear de vazio, do que de inimigos imaginários.

Durante a noite os olhos bem abertos, com medo de dormir, que a noite a mude, que acorde uma pessoa diferente no dia a seguir, que seja diferente, que desista do seu monologo silencioso e que as palavras de um despertar noturno transformem-se em gritos desconcertantes de quem não pode mais fazer, se não berrar.

A mãe de Bianca acredita que a filha apenas é tímida, enquanto a sua irmã mais nova, já diz com as letras todas o que quer, Bianca geme, treme e solta um suspiro, quando aponta apenas com o dedo indicador para o que quer.

"Sociedade do Vencimento"

Cuspir o que se tem na língua, Miguel,
começa por dizer o que pensa. Leva com
uma garrafa de cachaça na cabeça.

Começa a sangrar, o ferimento é grave.
Alguém ao longe faz sinal para ele
chamar enfermeiros, aparece um mais
perto, com equipamento de primeiros
socorros.

Miguel agradece, os enfermeiros dizem
que não existe problema. Miguel, caminha
em direção a casa, seguindo o rebanho

como um animal.

Sem direção, apenas seguindo diretrizes.

Chega à paragem de autocarro,
salvaguarda-se num canto, ainda com a
ferida a latejar.

Tem que esperar, cinco minutos, olha
para o relógio, olha para as moças que
passam. A cabeça dói um pouco mais.

Um autocarro passa. Não é este.

Entra no autocarro seguinte. Distrai-se
com as paragens, que lhe parecem todas
encomendas feitas à mão.

Desde os velhos aos jovens,
entusiasmados com o futebol. Alguns
estudantes agarrados ao telemóvel.

Vão saindo, paragem sim, paragem não,
paragem sim, sim, paragem não, paragem
sim.

Num ritmo coletivo, numa dança
contemporânea. A publicidade deixada
para trás, por uma senhora de meia
idade, cheia de sinais codificados.

Era oficial, estava Portugal a jogar.

Só podia. Convencia-se Miguel.

A ferida na cabeça, estava-lhe a começar
a afetar o cérebro. Estava com dúvidas
se deveria ir ao hospital. Mas, não
queria.

Tinha que aguentar a comichão. Miguel

coçava o braço freneticamente, enquanto esperava pela sua paragem. Algo estava errado.

Na sua paragem de saída, não precisou de pedir para o autocarro parar. Não carregou no botão vermelho, alguém carregou por ele.

Ao sair, uma multidão sai com Miguel, ao mesmo tempo, ao mesmo ritmo.

Passado uma semana, a dor tinha desaparecido. Já não havia cicatriz ou ponto de agulha que o fizesse sentir a dor a latejar, só o ritmo frenético dos peões no passeio da grande cidade é que o faziam questionar se era real a sincronia humana, como um conjunto de peixes num oceano.

A clareza de que a natureza continha harmonia em tudo, e que, até mesmo nos sítios onde menos esperávamos, havia uma sincronia inerente, como os cordões das sapatilhas a serem apertados, ainda com a despertador a tocar.

"Extraterrestres"

Descendo nas suas naves espaciais a meio da noite, o que será que querem, o que será que eles sabem? Extraterrestres, rondam a terra.

Invadem carros, com machados, fazendo cálculos matemáticos. Multiplicam-se em diversos números, quando te aparece um à frente, com pele rugosa e olhos completamente verdes bicudos, sabes que mais dois podem aparecer, num segundo. Vivem à velocidade da luz. Com elasticidade suficiente para dobrarem a linha temporal.

Quando te tocam, o nariz sangra. A gravidade não é um problema, chegam aonde querem com bastante facilidade, segredam entre si, não deixam os humanos ver os seus passos calculistas, nas linhas temporais.

Os movimentos graciosos, imperadores do seu próprio destino.

Os efeitos colaterais, apenas vistos sobre luz fluorescente. Os extraterrestres alimentam-se de alimentos roxos, como beringelas ou amoras.

Os pés deles com unhas compridas, bolhas saltitavam entres os dedos, como pirilampos incandescentes.

Muito trabalhavam na bolsa, faziam o carma das empresas.

Por vezes, raptavam pessoas, as que precisavam mesmo de descansar, principalmente de si mesmas.

Os extraterrestres, ajudavam as pessoas a transcender os seus maiores e complexos desafios.

Encorajavam, as pessoas a tirar os pés do chão e levitar um pouco, quando os pés eram de chumbo.

Podiam não serem vistos, mas os extraterrestres eram sentidos, em cada raio de luz solar que atravessava a Primavera.

Por vezes, disfarçados de humanos, lançavam feitiços arrepiantes de distração momentânea aos seres humanos. Que se perdiam entre os minutos e as

horas, a olhar para o vazio. Enquanto que os extraterrestres, reprogramavam o olhar dos seres humanos.

O medo começava a entupir a veias dos que olhavam no vazio, sem se aperceberem de onde vinha tanto medo.

O desconhecido, sempre assustou os marinheiros, ou seja, as pessoas, confrontadas com uma perspetiva nova, fogem de medo.

Aí é quando as pessoas começam a correr pelas suas vidas, quando vêm os olhos verdes pontiagudos dos extraterrestres a serem lhes implantados nas cabeças.

“Operação”

Leonor pousada em cima da estante a ler um livro. Benjamin sobre a cama, com as pernas a serem-lhe arrancadas e recompostas. A garganta a ser trocada, por um pio desafinado.

Os fios do cabelo de Leonor a serem depositados sobre o cabelo de Benjamin. Os genitais mutilados.

Benjamin, da vida passada, Leonor, era agora de novo Leonor e do futuro

Benjamin continuaria a ser Benjamin

Leonor, escondido em si mesmo.

Entrelaçava-se agora uma vida nova, com

uma vida futura, com uma vida presente e passada.

No canto, Benjamin com treze anos espera, pela sua vez de poder entrar dentro da alma.

Por agora, era a vez de Leonor ser. Os cirurgiões têm os olhos vermelhos de cansaço.

Substituir peças inacabadas, por outras que já tiveram vidas completas, era um trabalho minucioso.

Não fazia diferença o género, fazia diferença a leveza com que se andava, se a alma seria leve ou pesada.

Como uma linha puxada nas costas, o medo infiltrado na pele. Benjamin de olhos abertos durante a operação temporal. A angústia a atravessar-lhe a boca.

Trocado por um sorriso mais jovial.

Começa a tremer, os sinais vitais estão fracos, porém, está mais saudável do que nunca, pois as peças são novas. Mas, o olhar diferente ainda o deixa espantado.

No espelho, sente-se um palhaço, horripilante, magoado. Mas, vê que o coração ainda bate, ainda sente. Nem que seja, por algo que tenha já desvanecido. Antes, de sequer ter nascido.

As feridas da operação ainda a

cicatrizar. Enrolado em tiras brancas, Benjamin, começa-se a desvendar a si próprio, numa teia difusa. Tem medo de dar os primeiros passos, com as suas pernas em segunda mão, elas estremeçam ao som de qualquer barulho. No escuro, Benjamin, procura um interruptor para poder ver melhor e assim não ter tanto medo do desconhecido.

"A curiosidade matou o gato"

Nini, era uma gata muito vaidosa e elegante. Por onde passava, todos a observavam. Ela tinha a teima de ir para dentro dos armários e gavetas. Abria portas e portas, saltitava de canto em canto. Vasculhava tudo, delicadamente, sem fazer um som. Misteriosamente aparecia,

misteriosamente desaparecia.

Gostava de comer com as pequenas patinhas e de apanhar sol quando podia, assim como, no Inverno, sentar-se junto à lareira.

Um dia abriu a porta errada, ninguém queria acreditar quando se depararam com a morte de Nini na cozinha. Todos desconfiaram, da sua curiosidade nata. Todos disseram, Nini abriu uma porta, que não devia ter aberto, uma porta para qual nunca devia ter olhado.

O corpo cada vez mais gelado sobre o azulejo da cozinha.

Os donos apressados, puseram-na numa transportadora para a levar a ser cremada. Estava na hora do adeus.

Porém, a caminho do veterinário, o carro avaria. Nini, não quer ser cremada, Nini, não quer ser levada.

O carro que transporta a gata e os donos, embaraça o transito.

É preciso chamar o reboque, uma confusão tamanha.

Os donos andam a pé, com Nini, até ao veterinário mais próximo, chorando a sua morte.

Nini fica, mas os donos levam uma transportadora, agora, vazia.

As lágrimas no peito derramam para fora.
Um adeus, de quem sabe, que Nini agora
do outro lado, continuará a abrir ainda
muitas mais portas.

“Não vou poder comparecer hoje”

Desculpa, hoje não vai dar. Tenho muito

que fazer. Na realidade não, não tenho nada que me reste sem ser este vazio acolhedor, tenho um turbilhão de ideias prestes a esgotarem-se. Sei que os teus ouvidos não vão querer saber da minha dor.

Desculpa, pela demora. Não me quis atrasar, estava sem cimento para calçar. No fundo, a minha cabeça estava espalhada pelo espaço e os fragmentos eu não consegui conectar.

Sinto-me melhor assim, fiel ao que me dizes. Não, desculpa, isto está errado. Sinto-me melhor assim, fiel aos meus amigos. Não, também não.

No fundo, pouco querem saber de mim, por isso fecho-me numa bolha de chá e suspiros onde guardo na memória, alegrias partilhadas. Dissabores de línguas inventadas.

Estou acorrentado à cama, se soubesses, a dor. Estive aqui antes, muito antes de todos nos conhecermos.

Agora, de novo só. Prefiro-me assim, contando as estrelas e os buracos no céu.

Pedindo que não te apresses, nem te demores. Que tudo bata com o mesmo ritmo e o mesmo tom, de sempre.

Quero estar nu, comigo mesmo.

Os teus olhos esbugalhados, ao ver-me neste estado, já me incomodaram mais. Já me incomodaram menos. Prefiro que a luz do sol não me invada o espaço neste dia se for partilhado. Quero estar comigo, contando lembranças.

Sei que dei um nó algures e preciso de desembaraçá-lo. Não esperes por mim. Não irás aguentar a demora, dos dias que se irão passar.

Muito menos eu, mas ambos temos que nos esforçar, se queremos que floresça de novo com a brisa que atravessa os lugares fecundos da minha alma.

Por favor, não te demores.

Eu estarei à tua espera, no mesmo lugar de sempre. Sorrindo quando chegares, tocando na tua pele áspera de homem que vai à luta, quanto eu vou todos os dias.

Um abraço aos que me rodearam no meu melhor, porque no meu pior, serei eu e a alma despida num espelho ondulante, que me distorce. Um pouco de ar, sempre nos fez bem, entre nós.

Para poder ver-me, para tu te poderes ver. Para não nos confundirmos.

Sinto-vos muito perto, por isso, preciso de estar só. É apenas isso, tenho medo

da intensidade que está cada vez mais a
intensificar-me em labaredas fumegantes.
Preciso de um banho de água fria, para
poder acordar de novo para a vida.
Folhear-me, das cinzas renascer.
Saber que do vazio, sou nada e desse
nada, sou tudo.
Excluir o ego da minha agenda, saber que
onde estou, estou mais segura, do que em
vós, que não me apoiam se cair.
Preciso de me encontrar, na esperança,
de ainda me lembrar se alguma vez eu
estive dentro de mim, ou se fui, um
pouco de todos em um.
Adeus aos cobardes, que não enfrentaram
as minhas gritarias, pedidos de ajuda,
desesperos soltos, mutilando os ouvidos.
Peço-te ajuda de novo, a mim, que no
fundo, ainda me escutas.

Tomé senta-se perante as milhares de vidas que podia ter vivido, as decisões que poderia ter tomado, os caminhos pelos quais poderia ter caminhado. Mas, a vida é tão curta que nos deixa apenas agarrar apenas certos brilhos, entrar em certos portões e abrir certas janelas. Todas as outras que ele, não viu, ou então, que Tomé não teve coragem de explorar. Desde o início ao fim. Que pelo caminho se atrapalhou na contagem pelo fim.

Tomé dobra o tempo, para se aperceber que não existe escolha, todos os caminhos dão ao mesmo sítio.

Tomé sentado numa cadeira de madeira, à sua frente uma mesa já velha. As memórias são como água fresca que lhe é atirada à cara a cada segundo.

A mão desliza sobre as farpas da mesa velha à sua frente. Sente uma farpa enfiar-se no seu dedo indicador, a dor insignificante perante a memória

agonizante de um amor perdido, de dois
amores perdidos, de três amores
perdidos. Tomé, morria de pé, de cara no
chão.

Agora, cansado, Tomé tremia de medo só
de pensar em dar um passo, cada passo
era um tropeçar em si mesmo.

Encurralado com o seu próprio ser, numa
masmorra bem alta. Tomé, sentado
abraçado a si próprio, numa confusão de
dissabores.

Lentamente levanta-se, perto tem um
telefone que agarra com firmeza, quer
marcar um número, mas não se recorda
qual.

Pára, suspira.

Volta-se a sentar.

Todos os caminhos vão dar a Tomé sentado
na cadeira de madeira.

O telefone não toca e ele não o chama.

Tomé com o seu medo a escorregar para
uma ansiedade tamanha, para viver numa
correria alarmante. Cada dia mais lento,
mais penoso, em vez de ser abraçado e
percorrido, viajado, atravessado.

Uma espera longínqua.

Século XIII

Dois dedos erguidos ao nível do peito, o olhar do João dos pés desdobra-se para o horizonte. Um pé em frente, outro por trás, inclinado noutra direção. O sol brilha, água benta cai-lhe sobre a testa. O batismo, o resultado de uma procura por um ritual já esquecido.

Estamos em dois mil duzentos e trinta e ninguém, ousa a palavra de Deus, porém, João, sente, uma comichão, um vazio, uma palpitação, de que por ali vai bem, por ali vai certo.

Anos antes do acontecimento do batismo, João, era uma pessoa comum, em que a religião já não tinha lugar nos tempos

modernos que decorriam. A espiritualidade, um poço morto, que dava uma troca por conversas com amigos e a um bom copo de vinho ao jantar. Porém, João ao início, começou por ter sonhos sinistros, eram cobras que falavam com ele, em línguas estrangeiras, que deixavam pouco espaço para entendimentos. Eram anjos caídos, que morriam a seus pés. Demónios, rodeavam-no com olhos negros. João com medo de dormir, ficava acordado.

Os olhos de João, cor de mel, ficavam vermelhos de cansaço... Que mal fechavam, despertavam novamente sobressaltados.

A paranoia aumentava, tudo aquilo, estava-lhe a subir à cabeça. João tenta comunicar aos amigos o que se passava, mas sufocos de ar, saiam no seu lugar. Os meses iam-se acumulando, João vivia à base de comprimidos para dormir, que não o deixavam dormir e faziam no sentir apenas mais cansado, mais morto.

Começa uma pesquisa, sobre acontecimentos bíblicos. Ninguém lia nada religioso há anos, na biblioteca, eram os livros mais cheios de pó... As folhas meias comidas pelas traças. Um

mundo sem religião. Abatida após
inúmeras guerras.

Descobre como a arte banida era bela...
Desde arquitetura, a escultura, a
pintura. Uma beleza descida dos céus
perante os olhos exaltados de João. Num
sono profundo sobre páginas de livros,
deixa-se cair.

As batidas do coração mais densas, mais
graves, de um tom de piano, a um tom de
tambor. A mão depressa agarra a faca de
barrar a manteiga, a mais pequenina de
todas.

O telefone toca, acorda sobressaltado.

Tudo o que não tem é tempo, o tempo,
fora-lhe roubado, por uma fantasia que
cintila na mente enquanto se preocupa em
estar acordado, mas o quanto é que uma
pessoa pode estar realmente acordada
quando já nem consegue dormir? Paradoxo
estranho que lhe prega partidas na
mente.

Do outro lado da linha, espera-lhe
ansiosamente Diogo, esguio, alto e neste
preciso momento, sangue escorre-lhe pela
boca, com a lareira acesa de fundo no
escuro.

- João? Preciso de ti aqui. A esperança
foi-se sem ti.

Separados à oito meses, devido à paranoia sempre na mente de João a espreitar.

João mergulha a cabeça em violeta genciana, cobrindo o seu rosto de roxo.

Do outro lado da linha Diogo chama por ele... Mas, João está absorvido pela chama que habita dentro dos mistérios por descobrir, nos seus sonhos acordados.

Três dias passaram. O sol ergueu-se para lá das montanhas e pôs-se à beira mar.

João filtrado num sono profundo perto do telefone, que à muito rompera o sinal.

Três pancadas na porta. João não ouve, João, é uma concha a ouvir os seus murmúrios doentios. Acordado e a dormir num só plano, numa só linha de tempo.

A porta é arrombada, lanternas ofuscam a visão de João que se encontra no escuro, desnutrido, agarrado a uma bíblia, o livro proibido.

Pegado ao colo por Diogo, ambos choram.

A polícia, prende João por aceder a dados que levam à loucura do ser humano, uma fé cega, uma ambição desmedida, um delírio continuum.

A história percorre a cidade, todos ficam a saber do João tolinho, do João Cristão.

Na prisão, um internamento para conciliar o que é fantasia do que é real. Ambos desmedidos, pois tudo é fantasia e realidade, pois a mesma, tem gavetas que se abrem e abrem, depois de abertas não se podem fechar. Um caso de a curiosidade matou o gato. Outras pessoas admiraram a coragem de João, enviando-lhe rosas cobertas de espinhos como uma mensagem subliminar. Após a saída, o povo abraçou João que iluminado recorreu ao batismo. Estamos em dois duzentos e trinta e Deus, é uma fantasia de um rapaz chamado João.

"O livro"

No momento em que, sentir deixa de ser importante, quando o nó no pescoço se torna mais evidente com a idade. Aprendemos a dizer sim, obrigado, a baixar a cabeça e a aceitar o tiro que nos dão. Sobre a escadas o cabelo de Elize, não, uma tentativa de suicídio. É apenas mais uma tentativa de matar as vozes na cabeça.

Todos nós as temos, não existe concurso para quem tem os demónios mais barulhentos, mas Elize, corria os corredores dos hospitais como uma maratona.

A doença de Elize não se via, pouco se sentia, o berro de uma mãe a dar à luz, é o berro de Elize confrontada pelo espelho.

Numa tentativa de despire, a policia, enterroga-a sobre os gritos, que acordavam os vizinhos pela madrugada.

- O livro. - Murmurou Elize.

Ao espeitar pelo trinco da porta, os policias, viam-se centenas de papeis do pequeno apartamento de Elize. A ambulância foi chamada. Novamente, os cabelos de Elize nas escadas. Memórias de infância agarrada aos cobertores do hospital, o único lugar onde a mãe a vinha visitar.

Um olho negro no espelho, as mãos cobertas de nébulas amarradas a uma cama de hospital. O medo de ficar sã, veio com um arrepio na espinha. A memória de saber que se insana, a nébula que cobria o olho, expandir-se-ia.

O livro era exatamente isso, o ponto de culminagem da doença, onde cada momento considerado real, era marcado, corregido e repetido. O círculo, de uma pequena jovem de vinte cinco anos, que o cabelo caía sobre as escadas no momento de retirada da realidade.

Não era a primeira vez, não iria ser a ultima... O livro já foi em branco, sem dedadas, sem folhas corruídas pelas traças. Mas os segundos atropelavam-se no relógio. O tempo passara, sem um único contacto com a realidade.

Quando era pequena, tudo era possível, como qualquer outra criança, sonhava com as estrelas. O termo sonhar, tornou-se abundante, o seu pequeno mundo alastrara-se para fora da sua cabeça. Com tinta, pintava as paredes do quarto, aos seis, aos doze, aos vinte e quatro. A extensão que interligava Eliza ao seu mundo. Onde rabiscos começavam a aparecer no livro da sanidade.

Nos momentos em que se sentia conectada com o mundo físico, acendia uma vela, pegava num livro de capa preta e escrevia como os átomos se interligavam para formar algo. Os seus pensamentos

estavam límpidos, claros. Sabia de cor a hora, pelo barulho dos ponteiro dos relógios.

O subconsciente humano, não era linear, nem fixo. O seu reverso do espelho, como uma caricatura que se transportava pelo corpo físico, uma ideia, na consciência, no espelho, o inconsciente. Até que ponto o mundo físico, não era mais que uma extensão de nós.

O livro começou pela história das estrelas, até ao grande centro da humanidade, num certo espaço de tempo. Porém, esse certo espaço do tempo, tinha linhas temporais, que embatiam contra o relógio, formando ondas diferentes a cada segundo, devido às leis da gravidade.

